



AXIOMA SERIES
IN PEDAGOGY AND PHILOSOPHY OF EDUCATION

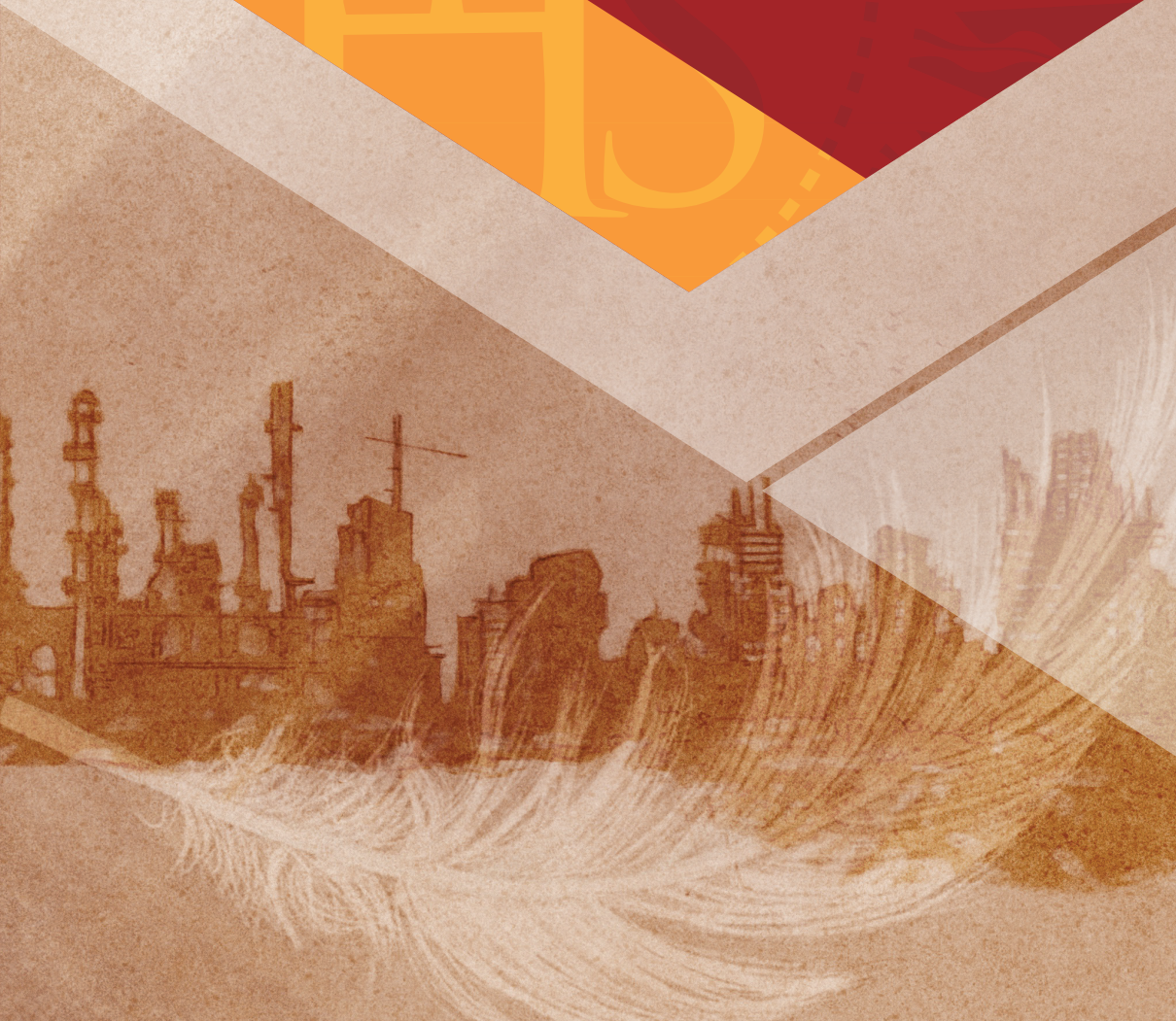


axioma

EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ

MEMÓRIA, VERDADE E PERDÃO

Carlos V. Estêvão · José M. M. Lopes, SJ ·
Ana Paula Pinto · Artur I. Galvão ·
João Carlos O. Pinto, SJ · Maria José F. Lopes ·
Paulo C. Dias · Ricardo Barroso Batista (Eds.)



14

Para uma Pedagogia de um Exercício Saudável do Poder em Contexto Eclesial

JOSÉ MANUEL MARTINS LOPES, SJ*

ABSTRACT

This article reflects on the exercise of power in spiritual contexts, drawing on Ignatian tradition and the current debate within the Catholic Church on abuses of power, authority, and conscience. It highlights how clericalism, the manipulation of vulnerability, and the misuse of obedience can generate abusive dynamics that undermine freedom, dignity, and trust. At the same time, it argues that fidelity to the Gospel and a renewed understanding of authority as service constitute the only path to regenerate both personal relationships and ecclesial institutions. Vulnerability, far from being mere weakness, can also be a place of encounter and care, requiring transparency, co-responsibility, and discernment to overcome a culture of abuse and to foster a culture of care.

Keywords: abuse of authority, abuse of conscience, abuse of power, clericalism, spiritual vulnerability, transparency.

Introdução

A motivação do título que escolhi para este artigo, *O poder em contexto eclesial – Contributos para uma reflexão*, devo-a aos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola, mais propriamente à Anotação 10.^a dos mesmos:

Quando o que dá os exercícios presente que aquele que os recebe é combatido e tentado sob aparência de bem, então é o momento próprio para lhe falar das regras da segunda semana já referidas. Porque, comumente, o inimigo da natureza humana tenta mais sob aparência de bem, quando a pessoa se exercita na vida iluminativa que corresponde aos exercícios da segunda semana, e não tanto na vida purgativa que corresponde aos exercícios da primeira semana¹.

* Este trabalho toma por base e reelabora um artigo previamente publicado na revista *La Civiltà Cattolica*. Cfr. José Manuel Martins Lopes S.I. “Abusi in Nome di Dio?”. *La*

Diz o Papa Francisco em entrevista à TVI:


Quero ser muito claro em relação a isto: o abuso de homens e mulheres da Igreja — abuso de autoridade, abuso de poder e abuso sexual — é uma monstruosidade! E uma coisa muito clara é: tolerância zero. Zero! Um sacerdote não pode continuar a ser sacerdote se for um abusador. Não pode! Porque é doente ou um criminoso, não sei... Mas é claramente um doente. É uma baixeza humana, certo?²

Falar-se, hoje, do abuso de poder³, de autoridade, de consciência⁴, por pessoas da Igreja contra pessoas dentro ou fora da Igreja, deixou de

Civiltà Cattolica IV/4164 (16 dic 2023/6 gen 2024) 587-599.

Universidade Católica Portuguesa – Centro de Estudos Filosófico-Humanísticos (CEFH)

✉ jmmlopesj@ucp.pt

 <https://orcid.org/0000-0003-4860-0067>

1. Santo Inácio de Loiola. *Exercícios Espirituais*. Trad. Mário Garcia SJ. Braga: SNAO, 2016, n.º 10. Ver também, neste sentido, o n.º 332.
2. Entrevista conduzida por Maria João Avillez ao Papa Francisco, em exclusivo para a TVI e a CNN Portugal, em 04 de setembro de 2022. In https://fb.watch/f_NFXyD2Tk/ (consultado em 12 de setembro de 2025).
3. Pode dizer-se que todo o abuso é um abuso de poder, se não associarmos exclusivamente a noção de poder a algo institucionalizado, mas a toda a relação em que, por diversas circunstâncias (familiares, sociais, laborais, contextuais, etc.), uma pessoa assume controlo sobre outra. O abuso produz-se quando a pessoa que tem o controlo se vale dele para, de modo excessivo, impor a sua vontade sem ter em conta os desejos ou a vontade da pessoa abusada, pelo que configura uma afronta à dignidade da pessoa. O abuso supõe, assim, a coisificação, a instrumentalização de uma pessoa, para dar satisfação aos caprichos arbitrários de outra. Cfr. José Luis Rey Pérez. “Una reflexión sobre los abusos desde el derecho y lo institucional. La respuesta de los derechos humanos”, in Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 377-378.
4. O abuso psicológico ou de consciência consiste em conquistar, controlar e dominar a consciência de outra pessoa, forçando-a a atuar de uma determinada maneira. Trata-se de um comportamento realizado de forma sistemática e repetitiva, que atenta contra a dignidade e a integridade psicológica da vítima. (Cfr. Alvaro Rodríguez Carballeira *et alii*. “Un estudio comparativo de las estrategias de abuso psicológico: en pareja, en el lugar de trabajo y en grupos manipulativos”. *Anuario de Psicología* 36/3 (2005) 299-314). Gerar submissão e produzir confusão são as principais formas de abuso do poder que conduzem a conquistar, controlar e dominar a consciência da vítima. (Cfr. Gabriel Roblero Cum. “Ejercicios Espirituales y abuso de conciencia: Un proceso de liberación del sometimiento y de la manipulación afectiva”. *Manresa* 92/2 (2020) 157). O Concílio Vaticano II diz que «A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser». Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*), in *Conclio Euménico Vaticano II - Documentos Concliales e*

ser tabu e tornou-se um dever em nome da vivência do Evangelho⁵. A raiz de tais abusos está na inadequada gestão do poder, agravada com frequência pela manipulação da consciência⁶. Vivemos num mundo em que parece que se profissionalizou a manipulação da percepção. Em causa está um processo de sedução, que inclui distorcer os factos, ordenar os acontecimentos para manipular a atenção e as emoções do recetor, utilizar a desinformação ao serviço do emissor, desacreditar a vítima para que a sua mensagem não seja valorizada por ninguém⁷.

Os maus-tratos de pessoas, leigas ou consagradas, muitas vezes por quem num determinado momento detém o poder na Igreja pode causar danos muito difíceis na vida de quem os sofre. Falar de um problema requer consciência da sua existência.⁸ Não é possível uma vítima quebrar o silêncio, se carece de um vocabulário que lhe permita nomear a realidade e sair dessa confusão⁹. No âmbito do exercício de governo, trata-se de um problema grave, com raízes no clericalismo e dimensões *ad extra* (contra leigos) e *ad intra* (nas próprias instituições eclesiais)¹⁰.

Pontifícios. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, n.º 16.

5. Cfr. José Beltrán. “El abuso de poder y conciencia entre religiosas ya no es tabú”. *Vida Nueva* 4-10/12/2021, N.º 3 3.249/ 4 35 C, 16-17.
6. O Papa já tinha também unido em 2018 a tríade abuso sexual, de poder e de consciência. Cfr. Papa Francisco. *Carta del Santo Padre al pueblo de Dios*. Roma: Dicasterio per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 20 de agosto de 2018. In https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.html (consultado em 28 de fevereiro de 2025).
7. Cfr. Gonzalo Aza Blanc. “El sujeto resistente frente a los abusos: vivencia de dignidad y coraje de ser”. In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 248.
8. Trata-se de um caso de Espiritopatia, isto é, abusa-se do nome de Deus para se justificar o mal praticado. É o mal com aparência de bem como nos ensina Santo Inácio de Loiola.
9. Cfr. Ianire Angulo. “Palabras y silencios. El papel de la narrativa en dinámicas abusivas”. *Estudios Eclesiásticos* vol. 99, núm. 388 (2024) 45 e 48.
10. Cfr. C. Schenckendantz. “Fracaso institucional de un modelo teológico-cultural de Iglesia. Factores sistémicos en la crisis de los abusos”. *Teología y Vida* 60/1 (2019) 9-40; R. Luciani. “La renovación en la jerarquía eclesial por sí misma no genera la transformación. Situar la colegialidad al interno de la sinodalidad”, in D. Portillo Trevizo (ed.). *Teología y prevención. Estudio sobre los abusos sexuales en la Iglesia. Prólogo del Papa Francisco*. Sal Terrae: Santander, 2020, 37-45. Será interessante ler a denúncia que o Papa Francisco faz do clericalismo na *Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 19 de março de 2016, in <https://www.vatican.va/>

O clima de medo e de silêncio é o obstáculo mais sério a uma possível reforma¹¹ e a história oficial de um grupo, como a do indivíduo, implica sempre aspetos que são recordados, enquanto outros ficam no esquecimento. Uma narrativa partilhada, muito vinculada ao poder, decide quais são os elementos a recordar e, em tal decisão, manipula a memória e de algum modo impõe-na ao grupo¹².

content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.pdf (consultado em 12 de março de 2025). Escreve Elías López Pérez, SJ. “Fidelidad sinodal. Liderazgo de discernimiento congregacional”. *CONFER* Vol. 59 n.º 228 Octubre–Noviembre–Diciembre (2020) 482: «Se esta frustração [desencanto com o governo, neste caso congregacional] não for bem acompanhada, pode levar-nos à agressão: ou para consigo próprio (desesperança e estados depressivos) ou para com outros companheiros de comunidade e às pessoas que servimos deixando – por vezes com cinismo – de testemunhar que o Reino dos Céus é um reino de paz, justiça e amor, que Jesus salva porque é compassivo e misericordioso. É possível que estas situações se tornem crónicas e que o clima institucional se torne mais ou menos tóxico. O mau espírito vibra sob o manto do (híper)realismo com vozes preconceituosas que fecham a mente à mudança, com vozes cínicas que fecham o coração à esperança, e com vozes temerosas que fecham a vontade ao compromisso transformador. Ficamos, pessoal e institucionalmente, paralisados. A *moção* do Espírito que é o sangue da vida, o sopro vital que dinamiza, parece dormir ou vacilar numa vida religiosa moribunda, como se se autocastigara a viver em cemitérios antes do tempo. Alguns de nós permanecemos instalados em rotinas enfadonhas e, talvez, outros ainda com forças, com agendas hiperativas para evitar o vazio e a solidão.».

11. Cfr. Giovanni Cucci, sj. “Introduzione”. In Salvatore Cernuzio. *Il Velo del Silenzio. Abusi, violenze, frustrazioni, nella vita femminile*. Milano: San Paolo, 2021, 34. Cfr. também Diz Catão, o Censor, citado por Gaio Júlio Victor, «rem tene, verba sequentur» («domina o assunto, as palavras seguir-se-ão»). Embora esta frase se apresente no contexto da Retórica, também poderíamos traduzir livremente, no âmbito da temática que tratamos, como: a verdade do facto impõe a verdade dos argumentos sobre o mesmo. Estamos no campo da ética e da moral. Não é a narrativa que faz o facto, mas o contrário. Iulius Victor. *Ars rhetorica. De Inventione*. Biblioteca digitale di testi latini tardoantichi. Progetto diretto da Raffaella Tabacco (responsabile della ricerca) e Maurizio Lana. Correzione linguistica: Corinna Senore. Codifica XML: Nadia Rosso. 2015 digilibLT, Vercelli. (Fonte: C. Iulii Victoris. *Ars rethorica*. Ediderunt R. Giomini et M.S. Celentano. Leipzig: Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, 1980), 374, in <https://digiliblt.uniupo.it/xtf/view?query=rem+tene+verba+sequentur&docId=dlt000320/dlt000320.xml&chunk.id=0> (consultado em 24 de abril de 2025).
12. Cfr. Ianire Angulo. “Palabras y silencios. El papel de la narrativa en dinámicas abusivas”. *Estudios Eclesiásticos* vol. 99, núm. 388 (2024) 56-57; Cfr. neste sentido também: Paul Ricoeur. *La memoria, la historia, el olvido*. Madrid: Editorial Trotta, 2010, 81-124 e Susana de Sousa Vilas Boas. *Le pardon entre mémoire et espérance. Pour une lecture théologique de Paul Ricoeur*. Braga: Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, 2022, 81-130.

Vivemos, porém, numa época que, por não suportar mais o mau exercício da autoridade, tem favorecido a delação dos abusos¹³.

O problema de fundo é que, nestes casos, muitas vezes, as estruturas de poder se deixaram corromper. Repete-se e atualiza-se o pecado de David¹⁴. E num abuso, seja ele de poder¹⁵, de autoridade, ou sexual, participam não só os que o perpetraram como também os que veem e calam, já que isso implica necessariamente colaboração *com* o abusador¹⁶.

Neste trabalho pretendemos, sobretudo, mostrar que a Igreja é uma Instituição que, embora pecadora, deseja e quer ser santa com a graça de Deus. E para isto só há um caminho: fidelidade ao Evangelho.

-
13. «O Papa quer acabar de vez com os "abusos" na Igreja, não apenas sexuais, mas também 'económicos, espirituais, psicológicos, institucionais, de consciência, de poder e de jurisdição'. Admite até que se discuta a sua autoridade». Papa Francisco. "Francisco ensaia a revolução final". *Jornal Expresso*, Primeiro Caderno, 29 de Setembro de 2023, 24.
 14. Lembremo-nos do pecado de David. Cfr. 2 Sm. 11. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008. Ver também, neste sentido, Sergio Bastianel (a cura di). *Strutture di Peccato – Una Sfida Teologica e Pastorale*. Moralia Christiana 3. Casale Monferrato: Piemme, 1989.
 15. Max Weber distinguiu entre poder e autoridade: o poder é a capacidade de impor comportamentos a outros, por vezes tendo de vencer resistências; a autoridade é a possibilidade de conseguir a adesão da vontade da outra pessoa à sua própria pessoa ou ao conteúdo que apresenta. O poder leva consigo a imposição e a coercividade e pode ser respaldado numa autoridade ou na simples força. A autoridade pode ser desprovida de poder regulado socialmente e, contudo, exercer uma influência social muito decisiva. Neste caso poderíamos falar de autoridade moral, que requer coerência e exemplaridade. A autoridade moral goza de um certo poder, porque solicita a responsabilidade sempre no respeito pela liberdade, traz à luz os mecanismos de dominação e tem influência social. É próprio da pura autoridade moral não ter poder coercitivo algum. Cfr. Max Weber. *Economía y Sociedad – Esbozo de sociología comprensiva*. Traducción de José Medina Echavarría et alii. Madrid: Fondo de Cultura Económica Segunda reimpresión 2002, 30, 43, 84, 170 ss, 183 ss, 218, 227, etc.
 16. Cfr. Mt. 2724. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008; Cfr. A. M. Varaprasadam. "Promoción de la justicia: medio para integrar nuestras vidas". In AA.vv. "Contemplativos en la acción – Respuestas a la carta del P. Arrupe". *SUBSIDIA* 21 (s. a.) 79. Há pessoas consagradas que, se o não fossem, nada contariam em termos profissionais ou sociais, e valem-se do "guarda-chuva" do prestígio ou do património moral da Igreja ou de uma Ordem Religiosa para "contarem".

1. Clarificando os termos

1.1 *Abuso de poder*

Esta expressão refere a capacidade de alguém provocar, através da coerção e da violência, pela posição que ocupa, um condicionamento da liberdade de outrem, levando esta pessoa a decisões contrárias à sua vontade. O excesso, a injustiça ou o indevido constituem o objeto do abuso, encontrando-se na base de todos os abusos o de poder. O exercício apropriado do poder (i.e. como serviço), pelo contrário, assemelha-nos a Deus e promove a dignidade do outro¹⁷.

No acto de abuso do poder, quem o detém vale-se da autoridade moral de que foi investido, e esta por sua vez provoca, naturalmente, a adesão em obediência por parte de quem se presta a obedecer¹⁸.

Há abuso de poder, também, na tentativa de o abusador impor chaves interpretativas, com o argumento de que faz uma leitura correta do sentido da realidade.

Será importante reconhecer que todos, pela nossa vulnerabilidade constitutiva¹⁹, levamos dentro de nós uma “ânsia” de poder²⁰. A

17. Cfr. María Inés Frack. “Intentando Reflexionar Sobre la Raíz Espiritual del Abuso de Poder”. In Daniel Portillo Trevizo (coord.). *Abusos y Reparación – Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 124-125).

18. Cfr. Ianire Angulo Ordorika, ESSE. “Bajo la punta del Iceberg: abusos de poder en la Iglesia”. In Enrique Gómez García - Enrique Somavilla Rodríguez (dir.). *La Iglesia Ante un Mundo en Cambio*. Madrid: Centro Teológico San Agustín, 2022, 200-213.

19. O que nos une como seres humanos, e que vai além das nossas evidentes diferenças, é a vulnerabilidade. Cfr. Francesc Torralba. *Ética del cuidar. Fundamentos, contextos y problemas*. Madrid: Institut Borja de Bioética-Fundación Mapfre Medicina, 2002, 247.

20. O poder é um fenómeno essencialmente humano ao qual se tentou pôr limites. O poder é uma possibilidade para qualquer coisa, boa ou má, positiva ou destruidora, porque é regido essencialmente pela liberdade. O mau uso do poder resulta do facto de o homem o exercer não como um dom para o serviço, seja por incapacidade de sentir o outro, ou por uma frieza de coração, ou por indiferença face ao outro, e que são substituídos pela sensação do êxito, da excitação, que impressionam no imediato, mas que desaparecem em seguida, revelando a sua superficialidade (Cfr. Romano Guardini. *El Poder. Un intento de Orientación*. Cristianismo y Hombre Actual, 49. Madrid: Ediciones Guadarrama, S. L., 1963, 25, 28, 97, 100). Nada há, continua Guardini, que ponha de tal maneira à prova a pureza do caráter e as elevadas qualidades da alma como o perigo que o poder constitui para aquele que o exerce. «Possuir um poder que não se encontre determinado pela responsabilidade moral e dominado pelo respeito à pessoa, significa simplesmente a destruição do humano» (*Ibid.*, 99).

palavra vulnerabilidade (do latim *vulnus*, *-eris*, ferida) conota a abertura inerente do ser humano ao mundo em que está imerso, aos vínculos que estabelece e ao modo como se posiciona face à sua própria subjetividade e à daqueles que o rodeiam. É a capacidade de ser afetado corporal, mental, emocional ou existencialmente pela presença, o ser e o atuar de alguém ou de algo. A experiência da vulnerabilidade é sempre situacional, assimétrica, singular e contingente, e é vivida e experimentada de maneira única por cada um de nós²¹.

Sentimo-nos vulneráveis quando amamos, quando expomos a nossa intimidade, quando aprendemos algo de novo, quando somos colocados fora do nosso *habitat* natural, quando sentimos que não controlamos os nossos sentimentos, quando percebemos que o futuro não está nas nossas mãos, etc. Mas o termo vulnerabilidade adquire um matiz mais positivo quando o relacionamos com o amor, a autenticidade, a solidariedade e a entrega. A vulnerabilidade pode ser vivida com medo e humilhação, mas também ser ocasião de libertação. Quando a vulnerabilidade – própria ou alheia – é recebida com respeito, com ternura, com delicadeza, a experiência que lhe subjaz é a de que talvez a nossa dimensão frágil e desprotegida não deva ser escondida, permitindo vivenciá-la como ser amado e digno de amor.

Por isso, a vulnerabilidade, o cuidado, a interdependência, a relação, são palavras que vão juntas²².

A vulnerabilidade não é um acidente que acontece de vez em quando a um ser autossuficiente imune. A vulnerabilidade é uma condição que não pode ser ignorada, superada, nem revertida, porque precede a formação do “eu”. O nosso ser, constitutivamente, está entregue aos outros. Dependemos uns dos outros²³. Embora em determinadas circunstâncias vitais tomemos maior consciência da nossa fragilidade, não há dúvida de que sempre e em todos os momentos da nossa vida estamos atravessados por uma rede oculta de relações de interdependência e cuidado que nos recordam a nossa vulnerabilidade constitutiva²⁴.

-
21. Cfr. Martha Albertson Fineman. “The vulnerable subject and the responsive state”. *Emory Law Journal* 60 (2010) 31.
 22. Cfr. José Laguna. “Vulnerables. El cuidado como horizonte político”. *Cuadernos CJ* n. 219 de CJ 239 (2020): 20-28.
 23. Cfr. Judith Butler. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006, 43-44.
 24. Cfr. Francesc Torralba. *Ética del cuidado: fundamentos, contextos y problemas*. Madrid: Institut Borja de Bioética – Fundación Mapfre Medicina, 2002, 247.

Definir o ser humano como vulnerável é reconhecê-lo como ser necessitado de hospitalidade, mas também responsável pelo cuidado da vulnerabilidade do outro²⁵. Por isso o homem, pela sua vulnerabilidade, é um ser dialógico, sociável. Neste sentido, a autossuficiência, característica do conceito de herói que herdamos dos gregos, dá lugar à peculiar beleza da condição humana – que reside precisamente na sua fragilidade e na sua vulnerabilidade²⁶.

Definir-nos como seres vulneráveis não implica renunciar à autonomia, como uma tarefa que qualquer um de nós tem de ir conquistando. Devemos procurar chegar a ser autónomos, precisamente porque somos vulneráveis. A vulnerabilidade é, assim, não somente uma afirmação da nossa impotência ou debilidade, mas também uma constatação da vida como tarefa, como algo a construir a partir da nossa radical finitude²⁷. A vulnerabilidade de facto e a autonomia em projeto fazem com que necessitemos uns dos outros²⁸. Todavia, a vulnerabilidade tem preeminência estrutural sobre a autonomia. Esta não vem a remediar ou a superar a carência da vulnerabilidade inicial. Não é por chegarmos a ser autónomos (em processo toda a vida), se isso for possível, que deixamos de ser vulneráveis. «A autonomia é a de um ser frágil, vulnerável. E a fragilidade seria apenas uma patologia caso não fosse a fragilidade de um ser chamado a tornarse autónomo, porque sempre o é de algum modo»²⁹.

Compreendida deste modo, a vulnerabilidade é uma dimensão que não foi incorporada na nossa sociedade moderna. Nesta, parece que o imperativo é a autonomia, a autossuficiência³⁰, a construção da identidade pessoal e do projeto de vida como mérito voluntarista e solitário. Contudo, há quem veja o ser humano como essencial-

-
25. Cfr. Emanuel Lévinas. *Humanismo del otro hombre*. México: Siglo XXI, 2006, 124-125.
 26. Joan-Carles Mèlich. *Filosofia de la finitud*. Barcelona: Herder, 2012, 24.
 27. Cfr. Lydia Ferro. “Construyendo la compasión”. In Diego Gracia (coord.). *Ética y ciudadanía. II. Deliberando sobre valores*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, PPC, Fundación SM, 2017, 71.
 28. Cfr. Adela Cortina. *Justicia cordial*. Madrid: Editorial Trotta, SA, 2010, 63.
 29. Paul Ricoeur. *Le juste*, 2. Paris: Esprit, 2001, 86.
 30. Com base no conceito de vulnerabilidade, que faz parte da estrutura intrínseca de cada ser humano, novas perspectivas se abrem para passarmos do paradigma da autonomia-direito para o paradigma da vulnerabilidade-cuidado, tendo a política do cuidado de assumir o desafio de pensar a universalidade a partir das singularidades vulneráveis e vulneradas. Cfr. José Laguna. “Vulnerables. El cuidado como horizonte político”. *Cuadernos CJ* n. 219 de *CJ* 239 (2020), 5-7.

mente «estrutura indigente»³¹. Se fôssemos autossuficientes ninguém nem nada nos poderia ferir. Todavia, também estaríamos condenados ao solipsismo. A vulnerabilidade, vivida e assumida no contexto da dignidade humana, é humanizante. Mas é ambígua, porque muitas vezes é aproveitada por quem abusa do poder³².

Também é verdade que esta debilidade nunca poderá ser argumento para se não denunciarem os abusos. Pecado e mal são-no sempre, e o pecado ou o mal que faço nunca poderão servir para desculpar o pecado ou o mal alheio. O importante é que, por respeito à dignidade humana, dom de Deus indisponível³³, cada um vigie para se não transformar em abusador, nem em vítima de práticas abusivas.

Por vezes, não é fácil distinguir com clareza uma sã influência da manipulação, já que se parte do princípio de que quem exerce o poder está sempre de boa vontade e quer ajudar e proteger o outro, e isto por maioria de razão na vida religiosa. O poder na vida religiosa é ainda muito mais perigoso porque sacralizado à partida por quem se entrega a este tipo de vida por votos religiosos. Por exemplo, o abuso pode apresentar-se por quem o pratica como uma expressão de amor,

-
31. Arnold Gehlen, *El Hombre. Su naturaleza y su lugar en el mundo*. Sígueme: Salamanca, 1980, 37.
 32. Cfr. Carolina Montero Orphanopoulos. “Vulnerabilidad Humana e Abusos No Sexuales en la Iglesia Católica”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 143-149.
 33. Diz o Papa Francisco que podemos «reconhecer a possibilidade de uma quádrupla distinção do conceito de dignidade: *dignidade ontológica*, *dignidade moral*, *dignidade social* e, enfim, *dignidade existencial*. O sentido mais importante é aquele ligado à *dignidade ontológica*, que compete à pessoa enquanto tal, pelo simples fato de existir e de ser querida, criada e amada por Deus. Esta dignidade não pode jamais ser cancelada e permanece válida para além de toda a circunstância em que os indivíduos se venham a encontrar». E continua: «Para esclarecer melhor o conceito de dignidade, é importante assinalar que ela não é concedida à pessoa por outros seres humanos, a partir de seus talentos e qualidades, de modo que poderia ser eventualmente retirada. Se a dignidade fosse concedida à pessoa por outros seres humanos, então ela daria-se-ia de modo condicionado e alienável e o próprio significado de dignidade (ainda que merecedor de grande respeito) permaneceria exposto ao risco de ser abolido. Na verdade, a dignidade é intrínseca à pessoa, não conferida *a posteriori*, prévia a qualquer reconhecimento, não podendo ser perdida. Em consequência, todos os seres humanos possuem a mesma e intrínseca dignidade, independentemente do fato de serem ou não capazes de a exprimir adequadamente». E faz um apelo: «A cada pessoa deste mundo peço que não se esqueça desta sua dignidade, que ninguém tem direito de tirar-lhe». Dicastério Para a Doutrina da Fé. *Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana*. Roma, 02 de abril de 2024, ns. 1, 15 e 66, respetivamente. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_dcf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html (consultado em 11 de abril de 2025).

uma forma de cuidar ou uma maneira de ajudar o outro (a vítima) a crescer na humildade. Tudo expresso numa narrativa de aparência de bem³⁴, que credibiliza o abusador perante a própria vítima, com a consequente confusão que nela provoca e a faz paralisar³⁵.

A autoridade espiritual de que está investido quem abusa, a sua presumível santidade e sabedoria, e o discurso religioso dos seus argumentos, fragilizam e multiplicam as possibilidades de a vítima não conseguir conscientizar que está a sofrer um abuso do poder. Mesmo na relação de orientação espiritual, o abuso de consciência pode ser um dos rostos mais perniciosos deste abuso de poder. Recordemos, como nos ensina a *Gaudium et Spes*, que a consciência da pessoa é um sacrário reservado somente à pessoa e a Deus³⁶. E como bem ensina Santo Inácio, o Orientador mais não é senão um «fiel de balança»³⁷.

1.2 Abuso de autoridade

O abuso do exercício do serviço de autoridade³⁸ começa pela centralização verticalista da mesma, dando-se como justificação a própria consciência de quem a exerce³⁹, não tendo em conta que a corresponsabilidade no exercício da autoridade liberta a autonomia⁴⁰.

-
34. Cfr. Santo Inácio de Loiola. *Exercícios Espirituais*. Trad. Mário Garcia SJ. Braga: SNAO, 2016, n.º 10.
35. Cfr. neste sentido o interessante estudo, Ianire Angulo. “Palabras y silencios. El papel de la narrativa en dinámicas abusivas”. *Estudios Eclesiásticos* vol. 99, núm. 388 (2024), 60-70.
36. Cfr. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*. In *Concílio Ecuménico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontificios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, n.º 16.
37. Cfr. Santo Inácio de Loiola. *Exercícios Espirituais*. Trad. Mário Garcia SJ. Braga: SNAO, 2016, n.º 15.
38. Cfr. Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada Y Las Sociedades de Vida Apostólica. Instrucción *El Servicio de la Autoridad Y La Obediencia. Faciem tuam, Domine, requiramus*. Roma, 11 de mayo de 2008, 12 e 14b. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado em 7 de abril de 2025).
39. Cfr. IDEM. *Para vino nuevo odre nuevos – La vida consagrada desde el Concilio Vaticano II: retos aún abiertos – Orientaciones*. Colección Documentos Vaticano. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 2017, ns. 19, 20, 21, 24, 41-45 e 48).
40. Cfr., neste sentido, José Manuel Martins Lopes. “Autoridade >< Autoritarismo e Pedagogia da Companhia de Jesus”. *Revista Portuguesa de Humanidade - Estudos Literários* 13-2 (2009) 230-232.

Um(a) superior(a) que decida da vida de uma pessoa que se consagrou a Deus sem a ouvir e sem, de forma correta e honesta, escutar o seu ponto de vista também fruto de oração, pretende usurpar um lugar que nunca é seu. E se, além disso, por quaisquer preconceitos, não se dispuser ao diálogo e não for capaz de pacificar a consciência do outro, é incapaz para o exercício de tal missão.

O serviço da autoridade⁴¹ no exercício da obediência em relação a outrem deve criar neste laços mais fortes de compromisso com a Instituição, porque envolve ativamente uma pessoa que se consagrou a Deus.

Quem exerce um serviço de autoridade deve cuidar de não ceder à tentação da autossuficiência pessoal, isto é, de crer que tudo depende de si, e de uma autoridade autorreferencial⁴². Nos casos mais difíceis, o caminho a seguir por quem sofre situações que pode considerar inoportáveis, deve lutar, com a graça de Deus, para crescer com a situação, na fé, para bem da Igreja⁴³.

Há que passar, como há muito consagrou o Concílio, da centralidade do papel da autoridade para a centralidade da dinâmica da fraternidade⁴⁴. A autoridade só faz sentido se for exercida ao serviço da comunhão evangélica, que é hierárquica numa lógica “diaconal”.

Quando a Igreja não consegue, dentro dela própria e por si própria, como seria seu dever de coerência com os valores evangélicos, escrutinar, tratar ou resolver os casos de abuso de que vai tendo conhecimento⁴⁵, com determinação e assertividade, coloca-se em situação de

-
41. Cfr. Rafael Aguirre. “La mirada de Jesús sobre el poder”. *Teología y Vida* 55/1 (2014) 92-104. Nestas páginas o autor reflete sobre duas temáticas que estão hoje na ordem do dia: serviço e não poder e repensar um Deus sem poder.
 42. Cfr. *Mc.* 1042-45 e *Mt.* 729. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milênio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.
 43. Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada Y Las Sociedades de Vida Apostólica. Instrucción *El Servicio de la Autoridad Y La Obediencia. Faciem tuam, Domine, requiramus*. Roma, 11 de mayo de 2008, 25, a). In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado em 7 de abril de 2025).
 44. Cfr. Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada y Las Sociedades de Vida Apostólica. *Para vino nuevo odre nuevos – La vida consagrada desde el Concilio Vaticano II: retos aún abiertos – Orientaciones*. Colección Documentos Vaticano. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2017, n.º 41.
 45. Diz Hans Zöllner, a propósito da falta de transparência no tratamento de abusos dentro da Igreja, que é triste quando as coisas se vêm a saber pelos meios de comunicação social, porque

desconfiança inclusive perante a sociedade civil.

Isto significa que a autoridade a nível religioso deve ser muito responsável dentro daquilo que ela implica em termos de relação superior(a)-súbdito(a). No fundo, a autoridade, em termos cristãos, deve ser vivida como uma virtude que implica serviço e entrega ao bem do outro.

São Paulo, partindo desta forma de viver a autoridade diz: «Que todos se submetam às autoridades públicas, pois não existe autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus»⁴⁶, porque foi por Ele e para Ele que todas as coisas foram criadas, «as visíveis e as invisíveis, os Tronos e as Dominações, os Poderes e as Autoridades»⁴⁷. Todavia, as contas no exercício desta prerrogativa serão pedidas: «depois de ter despojado os Poderes e as Autoridades, expô-los publicamente em espectáculo, e celebrou o triunfo que na cruz obtivera sobre eles»⁴⁸, já que «não é contra os seres humanos que temos de lutar, mas contra os Principados, as Autoridades, os Dominadores deste mundo de trevas, e contra os espíritos do mal que estão nos céus»⁴⁹.

1.3 *Abuso de consciência*

Um dos principais obstáculos a uma discussão sobre o abuso de consciência é que ainda não se reconhece a sua gravidade e prevalência na Igreja⁵⁰. O tema ganhou relevância com a crise dos abusos

a Igreja não quer apontar o dedo para dentro de si própria. Apegando-se a uma imagem que quer preservar e a uma reputação supostamente atraente, não admite os seus erros por “projeção da própria perfeição”, a qual nada tem a ver nem com a condição humana nem com a mensagem evangélica. A questão do abuso de poder, continua, «veio à tona apenas nos últimos quatro ou cinco anos como o principal ingrediente do abuso sexual. Esse não era o nosso entendimento há seis anos. [...] Esse tema traz cada vez mais aspetos que de alguma forma pressentíamos, mas muito poucas pessoas foram capazes de expressá-los e descrevê-los como agora. [...] Também é uma linha de aprendizagem muito íngreme em relação a quais são os principais elementos de disfuncionalidade, os componentes do abuso e as suas principais causas». Paulina Guzik. *Abuse expert Father Hans Zollner looks at the state of the crisis in the Church today*. In <https://www.oursundayvisitor.com/abuse-expert-father-hans-zollner-looks-at-the-state-of-the-crisis-in-the-church-today/> (consultado em 10 de março de 2026).

46. Rm. 13,1. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

47. Cl. 1, 16. In *Op. cit.*

48. Cl. 2, 15. In *Op. cit.*

49. Ef. 6, 12. In *Op. cit.*

50. Cfr. Samuel Fernández. “Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no*

sexuais, mas merece um tratamento específico e não unicamente como um passo prévio do abuso sexual. Trata-se de um atentado contra a dignidade de quem o sofre, podendo ser alguém vulnerável na sua esfera sexual, e por isso mesmo vir a sofrer gravosas consequências espirituais e psíquicas.

A consciência é a sede da liberdade de juízo e o lugar de encontro a sós com Deus, e o abuso de consciência fere essa liberdade e esse encontro, corrompendo por isso dois elementos nucleares da antropologia cristã: a liberdade que caracteriza o ser humano, e a sua vinculação com Deus, seu fim último⁵¹. O abuso de consciência apoia-se numa antropologia pessimista que não valoriza a dignidade e a subjetividade humana. O centro desta antropologia não é a imagem de Deus no ser humano, mas a corrupção que vem do poder do pecado. Se a natureza humana está corrompida, não se pode confiar na consciência nem na razão, mas simplesmente na “iluminação” de quem, por uma “graça sobrenatural”, conhece e transmite a vontade de Deus. Assim, o *sobrenatural* identifica-se com o *antinatural*, e isto justifica que a suposta vontade de Deus vá contra a natureza humana. Por isso, nessa perspectiva, a natureza, a razão e os limites naturais não se consideram dignos de confiança. Desta forma se despreza o mundo como criação de Deus e, assim, de acordo sempre com essa visão, o mundo não deve ser escutado, mas combatido, o que significa o isolamento e a desconfiança da natureza humana e da sua liberdade⁵².

Por outro lado, o abuso de consciência configura abuso do nome de Deus para fins particulares: «Não usarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não deixa impune aquele que usa o

sexuales en la Iglesia. Madrid: PPC, 2021, 47–65.

51. Cfr. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*. In *Concílio Ecuménico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, ns. 16 e 17; *A Liberdade Religiosa (Dignitatis Humane)*. *Op. cit.*, ns. 2 e 3; João Paulo II. *Veritatis Splendor*, n.º 59. In https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html (consultado em 27 de julho de 2023); *Catecismo da Igreja Católica*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2022, ns. 1732 e 1776–1778.; Tomás de Aquino. *Suma Contra os Gentios*. Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola. 1.3, capítulo 25, número 1.
52. Cfr. Samuel Fernández. “Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 60–61.

seu nome em vão»⁵³.

Proteger a liberdade de consciência não significa isolamento, naturalmente, mas evitar influências abusivas. A fé não é um caminho individual, mas eclesial. O crente deve abrir-se à mediação eclesial.

O desejo de Deus, o desejo de O seguir com generosidade, de querer fazer a Sua vontade, implica confiança nas mediações eclesiais. Todavia, esta confiança implica o risco de a pessoa se colocar numa condição de fragilidade e de vulnerabilidade.

Quando o discurso religioso se utiliza para justificar as dinâmicas abusivas, estas perpetuam e geram uma situação de absoluta confusão, culpabilidade e sensação de impotência na vítima. Todos somos vítimas potenciais, porque quem deseje e procure fazer o que Deus quer, e se confia a outra pessoa para ser acompanhado e guiado no seu crescimento humano e espiritual, assume também o risco de ser vulnerável. A prevenção, nestes casos, passa pela consciência desta possibilidade e não por renunciar a expor-se face aos outros, pois amar, confiar e crescer são ações que dão sentido à nossa existência e que simultaneamente nos apresentam frágeis perante os outros. De pouco valeria a pena viver se renunciássemos a colocar-nos em risco e desconfiássemos sistematicamente de tudo e de todos. Entre um extremo e o outro situa-se essa sábia prudência que aprende e ensina a discernir sinais de alarme⁵⁴.

As vítimas de abuso de consciência, por isso, não são culpáveis por terem confiado. Confiar não é uma fragilidade, mas uma condição para se seguir Jesus Cristo. E evitar o abuso de consciência não pode implicar que a pessoa renuncie a ser orientada. Quem discerne e procura a vontade de Deus deixa-se orientar, mas nunca poderá a consciência perder a sua liberdade de juízo e o estatuto de lugar de encontro a sós com Deus⁵⁵.

O abuso de consciência pressupõe, portanto, um contexto de relação de confiança. Quem tem na Igreja um ministério está investido da confiança eclesial. Por isso, o abuso de consciência, apesar de acon-

53. Ex. 20, 7. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milênio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

54. Cfr. Ianire Angulo. “Abrir la Caja de Pandora. Abusos en la Vida Consagrada femenina”. *Claretianum* ITVC 14, t. 63 (2023) 183-204.

55. Cfr. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*. In *Concílio Ecumênico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, n. 16.

tecer em relações privadas, tem sempre dimensão institucional.

Samuel Fernández propõe a seguinte definição de abuso de consciência:

o abuso de consciência no âmbito católico é um tipo de abuso de poder – jurídico ou espiritual – que controla a consciência da vítima até ao ponto de o abusador, tomando o lugar de Deus, obstruir ou anular a liberdade de juízo da vítima e a impedir de estar a sós com Deus na sua consciência. Este tipo de abuso é perpetrado por um representante da Igreja, respaldado pela mesma Igreja como digno de confiança⁵⁶.

O abuso de consciência não se identifica com o abuso de poder espiritual, porque também pode ser cometido pelo poder jurídico. Deste modo, é necessário definir o delito de abuso de consciência que é aquele tipo de abuso de poder – jurídico ou espiritual – que debilita ou anula a liberdade de juízo e impede que o crente esteja a sós com Deus⁵⁷.

2. Aumenta a transparência, diminui o abuso...

Nas últimas décadas muito se tem discutido na Igreja sobre abusos levados a cabo em contexto de vida consagrada. Todavia, a investigação jornalística tem colocado a sua ênfase nos abusos sexuais de menores, que são sem dúvida os mais hediondos⁵⁸. Os abusos de poder, de autoridade e de consciência, porque causados predominantemente sobre

56. Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 51.

57. Cfr. Samuel Fernández, “Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 61–62.

58. «Estas palabras [...] ressoam com força no meu coração ao constatar mais uma vez o sofrimento vivido por muitos menores por causa de abusos sexuais, de poder e de consciência cometidos por um número notável de clérigos e pessoas consagradas. Um crime que gera profundas feridas de dor e impotência, em primeiro lugar nas vítimas, mas também em suas famílias e na inteira comunidade, tanto entre os crentes como entre os não-crentes». Papa Francisco. *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 20 de agosto de 2018. In https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.pdf (consultado em 06 de agosto de 2025). Ver também, neste sentido, J.A. Murillo. “Abuso sexual, de conciencia y de poder: una nueva definición”. *Estudios Eclesiásticos* 373/2 (2020) 424–25.

peçoas adultas, embora vulneráveis na maioria dos casos, parecem esquecidos. Por uma questão de justiça, este conceito de adulto vulnerável⁵⁹ deve ser abordado *lato sensu*, já que todas as pessoas passam por etapas na sua vida de fragilidade. Além disso, como já referimos, os abusos cometem-se sempre a partir de vínculos assimétricos nos quais as vítimas, seja por que motivo for, confiam em quem se situa numa relação de autoridade, pressuposta como legítima, mas em que uma das partes pode ser manipulada⁶⁰.

Constituíram-se em todo o mundo comissões independentes para que as pessoas sexualmente abusadas pudessem denunciar as situações. Portugal não se furtou a essas iniciativas, tendo para o efeito sido criada a *Comissão Independente Para o Estudo dos Abusos Sexuais na Igreja Católica Portuguesa*⁶¹. Compreendemos que o abuso sexual a menores requeira a prioridade dos esforços. Todavia, os abusos de poder, de autoridade e de consciência merecem também toda a atenção.

Deturpar a realidade, ocultá-la, eliminá-la ou silenciá-la, além de pecaminoso, só faz crescer o sofrimento⁶².

Confrontadas com situações escandalosas, pessoas com altas responsabilidades na Igreja reagiram com incredulidade e, na convicção de que a calúnia e a difamação seria um possível movente da acusação, tentaram resolver o problema mudando de Paróquia o visado, ou de uma Obra para outra. Todavia, como o problema se repetisse e agravasse, esta forma de atuar fez crescer o número das vítimas, provocando

-
59. Com frequência a linguagem religiosa recorre a eufemismos e jogos linguísticos para se evitar chamar às coisas pelo seu nome. Naturalmente que isto traz consequências. Por exemplo, chamam-se aos abusos *pecados* em vez de *delitos*; *adulto vulnerável* em vez de *vítima*. Cfr. Ianire Angulo. “Palabras y silencios. El papel de la narrativa en dinámicas abusivas”. *Estudios Eclesiásticos* vol. 99, núm. 388 (2024) 59. Ver também, neste sentido, Carolina Montero. “Vulnerabilidad humana y el uso del término *adultos vulnerables* ante los abusos eclesiales a mayores de edad”. *Teología y Vida* 63 (2022), 345–366.
60. Cfr. Ianire Angulo. “La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021), 360.
61. Cfr. Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa – Apresentação da Equipa. In <https://agencia.ecclesia.pt/portal/comissao-independente-para-o-estudo-dos-abusos-sexuais-de-criancas-na-igreja-catolica-portuguesa-apresentacao-da-equipa/> (consultado em 10 de janeiro de 2025).
62. Cfr. Gonzalo Aza Blanc. “Escenarios de abuso en la cultura contemporánea. Más allá de la preocupación por lo particular”. In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 51.

um rasto de maior sofrimento e indignação⁶³.

Perante factos suscetíveis de colocarem em causa a credibilidade institucional, a primeira reação poderá ser a da negação dos mesmos e, mesmo, a do contra-ataque. Se a instituição é a Igreja, não preparada para se confrontar com determinados tipos de situações, a incredulidade, a estupefação, o medo do escândalo público são, como é normal, a reação mais natural. Todavia, sabemos que a sociedade perdoa mais depressa a pecadores arrependidos do que à fuga da responsabilidade de, em diálogo, se procurar a verdade⁶⁴.

3. Só a verdade regenera e salva

O único caminho que “salva” uma pessoa, instituição ou organização é a verdade⁶⁵. E esta assenta na justiça, como pressuposto indispensável para a paz. A verdade só poderá vir ao de cima e afirmar-se num clima de liberdade. Por isso, deverá criar-se, com prudência, um clima de liberdade para que, quem se sentir ofendido na sua dignidade por motivo de qualquer tipo de abuso de poder, de autoridade ou sexual, possa ser ouvido, escutado, assim como o abusador identificado, em igualdade de circunstâncias. Há que ter em conta que qualquer ser humano – os adultos também, naturalmente – passa em diversas etapas da sua vida por momentos de maior fragilidade e a manipulação da consciência, quando comprovada é uma perversidade⁶⁶.

Por muito que a sua importância seja reconhecida, os abusos de poder, de autoridade e de consciência não são tão impactantes na nossa sociedade como os abusos sexuais.

Uma das razões por que aqueles tipos de abusos foram de algum modo “esquecidos” e tratados como menos preocupantes, como referido em cima, é a de terem sido associados mais a pessoas adultas,

63. Cfr. Ianire Angulo. “La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021), 357-388.

64. Cfr. Hans Zollner, S.J. “La responsabilidad de la Iglesia católica en la creación de una cultura de salvaguardia”. In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 315.

65. Cfr. Jo. 832 e 36. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

66. Cfr. Neste sentido, M. F. Hirigoyen. *El abuso de la debilidad y otras manipulaciones*. Barcelona: Paidós 2012, 11-52 e 131-139.

partindo-se do princípio, errado, de que pessoas adultas são, por isso mesmo, livres e no pleno uso das suas capacidades, podendo e sabendo defender-se sem qualquer tipo de constrangimentos⁶⁷. Por outro lado, não é fácil, juridicamente, reunir e apresentar provas que suportem um abuso de autoridade e de poder, já que estes acontecem, a maior parte das vezes, em contextos imprevistos e imprevisíveis para as vítimas. O mesmo se diga dos modos de manipulação, muito difíceis de determinar⁶⁸. Apesar de o Código de Direito Canónico censurar o abuso de poder, só muito dificilmente, e em casos extremos, reiteramos, se podem apresentar provas objetivas⁶⁹. Por outro lado, há comportamentos que não constituem delito e, como tal, não são puníveis legalmente. Todavia, configuram um uso ético e moralmente inadequado do poder. Se na sociedade civil é muito difícil tratar estes últimos casos, para a Igreja também o será, porque a tendência é para espiritualizar tudo o que provoque possibilidade de escândalo. Há uma estratégia usada para que a situação não seja denunciada: tenta passar-se a ideia de que qualquer crítica ao poder é uma deslealdade institucional. Eis o mal com aparência de bem⁷⁰. É muito difícil lutar-se contra uma ideo-

-
67. Embora o abuso sexual a menores, como já referimos, leve em si o abuso de poder, autoridade e de consciência.
68. Rodríguez Carballeira e outros estudiosos referem algumas estratégias habituais na categorização do abuso psicológico: o isolamento, o controlo e manipulação da informação, o controlo da vida pessoal, o abuso emocional, a imposição de um pensamento ou o doutrinação num sistema de crenças - absoluto e maniqueu, a imposição de uma autoridade única, ... Cfr. A. Rodríguez Carballeira *et alii*. "Un estudio comparativo de las estrategias de abuso psicológico: en pareja, en el lugar de trabajo y en grupos manipulativos". *Anuario de Psicología* 36/3 (2005) 299-314; Ver também Rodríguez Carballeira *et alii*. "Abuso psicológico en grupos: Taxonomía y severidad de sus componentes". *International Journal of Cultic Studies*, 7 (2016) 41-54. Aqui nos mostram estes autores que o abuso psicológico em grupos é definido pela aplicação de estratégias abusivas que pela sua duração continuada se destinam à submissão do indivíduo.
69. «Cân. 1389 — § 1. Quem abusar do poder eclesiástico ou do cargo seja punido segundo a gravidade do acto ou da omissão, sem excluir a privação do ofício, a não ser que por lei ou preceito já esteja cominada uma pena contra tal abuso. § 2. Quem, por negligência culpável, realizar ou omitir ilegítimamente com dano alheio um acto de poder eclesiástico, ou de ministério ou do seu cargo seja punido com pena justa.» *Código de Direito Canónico*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, c. 1389. In https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf (consultado em 5 de março de 2025).
70. Cfr. Santo Inácio de Loiola. *Exercícios Espirituais*. Trad. Mário Garcia SJ. Braga: SNAO, 2016, n.º 10.

logia cujo “contentor” é feito das relações de quem detém o poder e o serve. Lutar, nestes casos, acarreta, naturalmente, perseguição⁷¹. A Bíblia é abundante nestes exemplos. Diz Roblero Cum que «o mais grave do abuso na vida religiosa é que acontece em nome de Deus e o abusador ocupa o lugar de Deus na consciência da vítima»⁷².

A Igreja, hoje em dia, sobretudo a partir do Papa Francisco, alertou para a gravidade de uma cultura do encobrimento e do silêncio. Sem transparência, informação, formação e verdade na caridade jamais se poderão corrigir e prevenir as dinâmicas do abuso⁷³.

4. A obediência como caminho para Deus

4.1 O valor da obediência

A obediência é um caminho de comunhão para todo o batizado e de identificação com Cristo, Ele próprio obediente ao Pai até à morte na Cruz⁷⁴.

Por maioria de razão, a identificação com Cristo na obediência é vivida pelas pessoas consagradas quando, através de um voto, se comprometem a obedecer aos seus legítimos superiores. De modo semelhante, o mesmo é vivido pelos Diáconos e Sacerdotes diocesanos, quando prometem obediência ao próprio Bispo no momento da ordenação.

A importância da obediência é reconhecida na vida da Igreja desde os seus primórdios.

71. Isto exige que se tenha do tempo um sentido cristão. O tempo cristão é passado, presente e futuro e o futuro é Jesus Cristo. Como curiosidade, ler, a este propósito, um artigo do *Jornal Expresso*, sobre o que aconteceu a quem denunciou uma situação de abuso: «Igreja pune padre que denunciou abusos sexuais». *Jornal Expresso*, 3 de novembro, 2023, N.º 2662. In <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2662/html/primeiro-caderno/capa/igreja-pune-padre-que-denunciou-abusos-sexuais> (consultado em 3 de janeiro de 2025).

72. Gabriel Roblero Cum. “Ejercicios Espirituales y abuso de conciencia: Un proceso de liberación del sometimiento y de la manipulación afectiva”. *Manresa* 92/2 (2020) 153.

73. Cfr. Samuel Fernández. “Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 61.

74. Cfr. Heb. 57-9. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008; *Catecismo da Igreja Católica*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2022, n. 1269. Ver também os números 143-149, 915, 1269, 1831, 2087 e 2825.

Clemente Romano, na *Carta aos Coríntios*, deixa-nos uma bela reflexão do que pode significar a vivência da união na Igreja através da virtude da autoridade e da virtude da obediência. Esta Carta é um apelo ao amor fraterno, à unidade eclesial, à paz, através do exercício de virtudes como a concórdia, a obediência, a penitência, a humildade. Nesta Carta, Clemente, recorrendo a exemplos do exército, do corpo humano e da ordem jurídica, encoraja a submissão à hierarquia eclesial como forma de respeitarmos um legado de Jesus Cristo. Através desta ordem das coisas, cada um, cumprindo o seu dever, no respeito pela dignidade do outro, pode, através da obediência, construir, em comunhão, um verdadeiro Corpo de Cristo⁷⁵.

Por vezes, especialmente na vida consagrada, pode-se ser chamado a viver a obediência em circunstâncias particularmente difíceis e pode surgir a tentação do desânimo e da desconfiança. A este propósito, São Bento, Pai do monaquismo, pedia sempre um diálogo esperançado entre o monge e o Abade e convidava a uma obediência por amor de Deus, confiando sempre na Sua ajuda⁷⁶. E S. Francisco de Assis insistia numa obediência caritativa⁷⁷, na qual o Frade, também ele sacrificando as próprias opiniões, segue quanto é pedido, porque deste modo louva a Deus e agrada ao próximo⁷⁸.

A dimensão teológica da obediência vai, por isso, vigiada, guardada e preservada sem reservas, porque se trata de uma dimensão fundamental na vida da comunidade cristã, que garante a sua união e a sua missionaridade. Uma tal realidade, tão presente na história da Igreja, sobretudo nas várias formas de vida religiosa, a começar pelas capitulares, é, por isso, de louvar e defender.

75. Cfr. Clemente Romano. *Carta aos Coríntios*. Edição Bilingue. Philokalia – Coleção de textos Patrísticos dirigida por Isidro Pereira Lamelas, N.º 1. Versão do original do grego por M. Luís Marques. Lisboa: Livraria Alcala, Lda, XXXVII-XLIV.

76. Cfr. *Regra do glorioso Patriarca S. Bento*. Trad. e anotada por Monges de Singeverga. Mosteiro de Singeverga. Roriz: Ora & Labora, 1951, Regra 68, 1-5.

77. Cfr. François D'Assise. *Écrits. Admonitions*. Sources Chrétiennes, n. 285. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003, Cap. III: De L'Obéissance Parfaite, 5-6.

78. Cfr. Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y las Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA). *El servicio de la autoridad y la obediencia*. Roma, 11 mayo 2008, n. 26. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado em 15 de maio de 2025).

Na sociedade contemporânea, onde com tanta ênfase se sublinha a subjetividade e autonomia da pessoa singular, a obediência vivida em modo adulto é sinal da pertença a Cristo e de uma vida doada ao serviço do seu Reino⁷⁹. Por isso, os abusos de poder, de autoridade ou de consciência são feridas no tecido eclesial e lacerações no Corpo de Cristo que é a Igreja.

4.2 *Obediência teologal e obediência religiosa*

Deveremos clarificar a obediência teologal (relação de obediência que todo o crente está chamado a estabelecer com Deus e com a Sua vontade) da obediência religiosa (obediência a Deus de um consagrado enquanto mediada por figuras de autoridade – superiores, e por Constituições, como o quadro jurídico e carismático em que se desenvolve essa relação autoridade–obediência dentro de uma instituição). Esta obediência religiosa só se pode compreender e só pode encontrar-se a sua essência na obediência responsável e responsabilizante a Deus, obediência teologal, que compromete tanto o superior(a) como aquele que obedece, a qual exige discernimento, indiferença, disponibilidade, procura, escuta da vontade de Deus. Por isso, a autoridade deve ser obediente:

A pessoa chamada a exercer a autoridade deve saber que somente o poderá fazer se ela mesma, em primeiro lugar, empreender aquela peregrinação que leva a buscar, com intensidade e retidão, a vontade de Deus. [...] No intento de fazer a vontade de Deus, autoridade e obediência não são, portanto, duas realidades diferentes nem, muito menos, contrapostas, mas duas dimensões da mesma realidade evangélica, do mesmo mistério cristão, dois modos complementares de participar da mesma oblação de Cristo⁸⁰.

Não é a obediência teologal que causa sofrimento. Este procede de quem abusa do seu poder, ignorando a Deus.

79. Cfr. Congregazione per il Clero. *Direttorio per il ministero e la vita dei presbiteri*. Roma 11 febbraio 2013, n. 56.

80. Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada y Las Sociedades de Vida Apostólica. *O Serviço da Autoridade e a Obediência*. Colección Documentos Vaticano. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 2008, n. 12.

A obediência teologal, como fundamento da construção da identidade mais profunda de cada ser humano crente, significa disponibilidade, diálogo e colaboração em liberdade ao projeto salvífico de Deus Pai, a partir da escuta do Espírito Santo. Por esta razão está referida a uma missão que se experimenta na confiança radical n'aquele que confiou primeiramente em cada um de nós e nos outorgou essa missão. Esta disponibilidade predispõe-se a acolher qualquer dificuldade ou sofrimento que imponham as circunstâncias como parte da responsabilidade assumida na vivência dessa missão. Portanto, a obediência teologal é absolutamente incompatível com uma perda de identidade pessoal, com a usurpação da própria liberdade ou com a abdicação da responsabilidade individual⁸¹. Deste modo, não parece encontrar-se nenhuma razão para que a sua *práxis* pudesse conduzir a uma situação de abuso. A liberdade e a vontade de Deus identificam-se com o Seu amor, a sua onnipotência revela-se como acompanhamento e solidariedade extrema e condescendente para com o ser humano, procurando a sua plena realização e dignificando-o ao fazê-lo participante do seu projeto. Só nesta base, espaço teologal, deveríamos avançar para o que chamamos de obediência religiosa. Por isso, obedecer implica diálogo, encontro de discernimentos, tratar cada pessoa como única e irrepetível. Deus fala a cada pessoa de modo diferente e pede a cada um coisas diferentes. Esta é a riqueza de um corpo⁸².

Diz Balthasar a este propósito: «Se o Filho fosse obediente ao Pai em virtude de uma subordinação natural, a sua obediência seria o cumprimento de um dever e não a expressão do amor absolutamente livre de Deus»⁸³.

Em termos gerais, a obediência refere-se a ações e não ao pensamento ou à consciência. A inteligência só pode ser movida com fé, argumentos e nunca com pressões. O problema surge quando o abusador se encontra perante um caráter débil e tenta usar o medo ou a confusão como ferramenta de controlo, castigando, chantageando, humilhando

81. Cfr. Decreto *A Conveniente Renovação da Vida Religiosa – Perfectae Caritatis*. In *Concílio Ecuménico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, n.º 13.

82. Cfr. Nurya Martínez-Gayol Fernández, ACT. “Revisitando la Obediencia. Ante los abusos de poder en la vida consagrada”, *Estudios Escolásticos* Vol. 99 n.º 388 febrero (2024) 125-126, 128, 145-149, 155-164.

83. Hans Urs von Balthasar. *Quién es cristiano*. Salamanca: Sígueme. 2000, 62.

e isolando. Esta situação de coação e ameaça leva a pessoa, necessariamente, a uma dissociação interior nos seus níveis mais profundos, tocando precisamente a dimensão religiosa.

Quando se esquece que o superior é uma mediação, sacraliza-se idolatricamente a obediência à autoridade. O seguimento de Jesus implica dúvidas, riscos e discernimento. Até os Profetas erraram. Todavia, tiveram humildade para o reconhecer. Não é esse por certo o patamar de espiritualidade do abusador, o que o leva, por vezes, a dizer contra a consciência do seu súbdito: “faz isto sob a minha responsabilidade” ou «quem obedece não se engana»⁸⁴.

Por isso, é necessário que todo o poder espiritual seja canonicamente definido e sancionado.

5. Clericalismo e abuso

Há circunstâncias que podem facilitar situações de abuso de autoridade e de poder na Vida Religiosa⁸⁵.

Reiteramos que o facto de haver na Vida Religiosa elementos que alguém pode aproveitar para os converter em abusos não significa que a Vida Religiosa não seja um modo válido de seguimento de Jesus Cristo.

Uma das características diferenciadoras da Vida Consagrada, conforme referimos, é que a obediência a Deus, a que todo o cristão está chamado a viver, é ali mediada por superiores legítimos⁸⁶. Apesar de estes cargos serem temporais⁸⁷, as Instituições de Vida Consagrada estão organizadas hierarquicamente. A mediação que esta forma de viver a obediência pressupõe pode abrir espaço a atos de abuso de

84. Elías López Pérez, SJ, “Fidelidad sinodal. Liderazgo de discernimiento congregacional”. *Confer* Vol. 59 n.º 228 Octubre–Noviembre–Diciembre (2020) 491.

85. Cfr. Ianire Angulo, “La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021) 371–386.

86. Cfr. *Código de Direito Canónico*. 4ª edição revista. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, c. 601.

87. Na prática, e na realidade, isto muitas vezes não acontece porque há superiores(as) que começam a “rodar” de uma Casa para outra tornando-se o seu cargo, em termos práticos, “vitalício”, “violando” assim o estipulado no Código de Direito Canónico (Cfr. *Código de Direito Canónico*. 4ª edição revista. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, c. 624 § 1 e 2). O perigo é que estes superiores(as) *ad vitam* percam a distância crítica em relação a si próprios e aos outros.

autoridade e de poder, dos quais a todos cumpre ter consciência.

O poder outorgado que acompanha a função de superior(a) exercido por alguém a quem se não reconhece autoridade facilmente degenera em autoritarismo, em rigidez e na tentação de aferir da fidelidade vocacional e carismática do(a) súbdito(a) com base no que pensa quem detém o poder. Dentro da Vida Consagrada, isto é uma forma de clericalismo⁸⁸, i.e., um comportamento elitista, dominador, excludente, e “autojustificado” com o *status* que a Igreja delega a quem exerce autoridade⁸⁹. Como mentalidade de poder e de manipulação, porque imposta por uma estrutura piramidal, o clericalismo tende a desencorajar, quando não a proibir, uma comunicação horizontal e a contribuir para a institucionalização de um sistema que se alimenta do segredo, de privilégios⁹⁰.

O clericalismo é, por isso, uma disfuncionalidade da liderança hierárquica de estilo autoritário, que tende a identificar a santidade com o estado clerical⁹¹.

-
88. O clericalismo é uma mentalidade que está na raiz dos abusos e «expõe as pessoas consagradas ao risco de perderem o respeito pelo valor sagrado e inalienável de cada pessoa e da sua liberdade». Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit*, 25 de março de 2019, n.º 98. In https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html (consultado em 7 de março de 2025).
89. Cfr. Eamonn Conway. “Clericalismo y violencia sexual. Explorando las implicaciones para la formación sacerdotal”. In D. Portillo (ed.). *Teología y prevención. Estudio sobre los abusos sexuales en la Iglesia*. Prólogo del Papa Francisco. Santander: Sal Terrae, 2020, 147.
90. Diz Elías López que a comunicação transparente conduz à confiança, a confiança à colaboração, e a colaboração à inovação e à mudança. Cfr. Elías López Pérez, SJ, “Fidelidad sinodal. Liderazgo de discernimiento congregacional”. *CONFER* Vol. 59 n.º 228 Octubre–Noviembre–Diciembre (2020) 487; O privilégio é um autêntico beijo da morte, como dizem Giovanni Cucci e Hans Zollner. *Iglesia y pedofilia: una herida abierta. Una aproximación psicológico-pastoral*. Santander: Sal Terrae, 2011, 108–109; Cfr. Dom Dysmas de Lassus. *Risques et dérives de la vie religieuse*. Paris : CERF, 2020, 74
91. Cfr. Francisco Javier de la Torre Díaz. “Abusos de poder «en» las organizaciones y «de» las organizaciones. Ética de las dinámicas de poder”. In Rufino Meana Peón – Clara Martínez García (dir.). *Abuso y sociedad contemporánea. Reflexiones multidisciplinares*. Aranzadi Thomson Reuters: Cizur Menor, 2020, 105; Cfr. R. Aldana. “Nota sobre conciencia y autoridad”. *Estudios Eclesiásticos* 373/2 (2020) 396–397; Cfr. Hans Zollner, SJ. “La responsabilidad de la Iglesia católica en la creación de una cultura de salvaguardia”. In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 307–324.

Todo o ser humano leva dentro de si um desejo de impor a sua vontade, e o próprio Jesus Cristo sofreu o peso dessa tentação⁹². Neste contexto, há cada vez mais consciência da presença de pessoas atraídas «profundamente pelas posições de poder em qualquer estrutura hierárquica e, sobretudo, muito capazes de as alcançar utilizando os outros»⁹³. Estas pessoas amoldam-se e comportam-se publicamente de forma humilde, espiritual e com muita afabilidade no trato, na mira de se tornarem também publicamente aceites e amadas.

É curioso dar-mo-nos conta como é raro o conhecimento público de um abuso de poder *ad intra*. As poucas denúncias de quem teve coragem de romper o silêncio são descritas aos outros membros como exemplo a não seguir, por parte de quem tem o poder, como falta de oração, de discernimento, de espiritualidade, e ulteriormente “cobradas” com imposições de isolamento e “purgas” internas, chantagens, mudança de Casa, de trabalho, de país ou, no limite, ameaça de um processo e expulsão da instituição religiosa. Se acontece este último desfecho, a Instituição tentará fazer crer que essa saída só evidencia a culpa, a infração, o temperamento conflituoso de quem optou por um caminho “não digno de um(a) religioso(a)”⁹⁴.

Entre as formas de exercício de poder, o poder espiritual é a mais perigosa, porquanto as pessoas se entregam sem reservas a quem as acompanha no foro interno⁹⁵. Por isso, é preciso muita oração e discer-

92. Cfr. Mt. 41-44. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008; Cfr. Rafael Aguirre. “La mirada de Jesús sobre el poder”. *Teología y Vida* 55/1 (2014) 88.

93. Ianire Angulo. “La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021) 378; Cfr. *Código de Direito Canónico*. 4.^a edição revista. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, c. 603.

94. Cfr., neste sentido, Hortensia López Almán. *Cuidemos de la Vida Consagrada*. Colección Ensayos Literarios. Editorial Círculo Rojo, 2020. Perante o desinteresse e o “lavar de mãos” de quem poderia ter feito algo, a autora, a partir da sua experiência pessoal, reflete sobre problemas da vida religiosa como abusos de autoridade, desinteresse, indiferença, cujas conseqüências são mais que previsíveis para quem sofre este tipo de situações.

95. Diz H. Zollner: «En muchas partes del mundo los sacerdotes aún son vistos como irreprehensibles mensajeros de Dios a los que está reservada una fuerza, autoridad y capacidad de gobierno particulares derivadas más o menos directamente de Dios. Una imagen tal del sacerdote puede llevar a los fieles a una idealización inviolable que hace difícil, casi imposible, criticar su figura o tan solo imaginar que él pueda cometer algún acto malo». Hans Zollner. “Las heridas espirituales causadas por los abusos sexuales”. *La Civiltà Cattolica*. In <https://www.laciviltacattolica.es/2022/01/28/las-heridas-espirituales-causadas-por-los-abusos-sexuales/>, enero 28, 2022 (consultado em 27 de março de 2025).

nimento na entrega do poder dentro da Igreja⁹⁶.

Não basta pedir perdão numa situação de abuso. Este modo de proceder torna-se contraproducente, aumentando entre os crentes a desconfiança⁹⁷. Mais ainda, à vítima não se lhe pode exigir que perdoe. Isto seria um duplo abuso. O *ónus* está do lado do agressor e a este é que se tem de exigir que se arrependa e assuma as suas responsabilidades a nível humano, espiritual e civil. O “bonismo imperante”, fruto de uma assimetria que vive do clericalismo, é uma tentativa de desculpabilização do agressor que desrespeita a dignidade da vítima e os deveres mais elementares da justiça.

6. A razão como dissensão, encontro e união

Martin Luther King escreveu que o preocupava mais o silêncio das pessoas boas do que o grito das pessoas más⁹⁸. O silêncio das pessoas boas é fruto, muitas vezes, da falta de “saber” para reagir, para lutar, para se defenderem da maldade e da agressão. Não sabem nem conseguem dar voz à denúncia.

É sempre possível, como afirma Torre Díaz, que pessoas boas entrem em estruturas doentes e se tornem abusadoras e que pessoas doentes e más entrem em estruturas saudáveis e as corrompam⁹⁹.

Vivemos num tempo e numa sociedade onde tudo parece fluido, líquido, e onde a incerteza acerca dos valores e da verdade se generalizou nas consciências¹⁰⁰. Com a falta de ligação, e até de desprezo pela

96. Cfr. Francisco Javier de la Torre Díaz. “Abusos de poder «en» las organizaciones y «de» las organizaciones. Ética de las dinámicas de poder”. In Rufino Meana Péon – Clara Martínez García (dir.). *Abuso y sociedad contemporánea. Reflexiones multidisciplinares*. Aranzadi Thomson Reuters: Cizur Menor, 2020, 81–108.

97. Cfr. Daniel Portillo Trevizo. “Los Abusos no sexuales: sobre las zonas grises”. In Daniel Portillo Trevizo (coord.). *Abusos y Reparación – Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 13.

98. Cfr. Martin Luther King. *Stride toward Freedom. The Montgomery Story*. New York: Harper & Row, 1958, 202.

99. Cfr. Francisco Javier de la Torre Díaz. “Abusos de poder «en» las organizaciones y «de» las organizaciones. Ética de las dinámicas de poder”. In Rufino Meana Péon – Clara Martínez García (dir.). *Abuso y sociedad contemporánea. Reflexiones multidisciplinares*. Aranzadi Thomson Reuters: Cizur Menor, 2020, 81.

100. Cfr. neste sentido, por exemplo, Zygmunt Bauman. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*. 2.ª Edição. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2022; Zygmunt Bauman e Rein Raud. *A Individualidade numa Época de Incertezas*. Tradução: Carlos Alberto

memória, pela História, a identidade tornou-se uma tarefa ou construção pessoal, um desafio lançado a cada um, não algo que nos é dado. Esta incerteza gera populismos, radicalismos e tribalismos potenciadores de antagonismos e de conflitos, numa procura de certezas através da afirmação de posições pessoais e grupais.

A Vida Consagrada não é imune às doenças sociais do seu tempo. Naturalmente, nesta circunstância, o conceito de disciplina, obediência e autoridade incarnados na figura do(a) superior(a), que deveriam ser um “porto seguro”, poderão gerar uma “paz” aparente, se assentes em mecanismos de falta de diálogo, na inibição da autonomia pessoal, na ostracização de algum membro¹⁰¹.

A pergunta inquietante nestes casos é: que pode levar uma pessoa ou um grupo a colaborar com o mal? As pessoas perdem a capacidade de pensar por si próprias, de pensar o bem? Podem as pessoas, quando inseridas num grupo, ser capazes de comportamentos imorais que individualmente nunca aprovariam? Trata-se efetivamente do assumir, por vezes inconscientemente, de uma cultura do abuso (nos antípodas da cultura do cuidado), de uma perversão prática do próprio ADN da Igreja!¹⁰² Nem sempre o discernimento comum é bem feito e, por isso, as consequências refletem-se, necessariamente, nas decisões comunitárias¹⁰³. A união que o Evangelho nos pede¹⁰⁴ não é unidade (e muito menos, uniformidade) a qualquer custo, incapaz de integrar a diversidade dos seus Membros. «A pressão do grupo não só anula a capacidade crítica dos indivíduos, como converte em acto quase

Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2018; Zygmunt Bauman. *Vida Líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007; Zygmunt Bauman. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

101. Cfr. Marie-France Hirigoyen. *El abuso de debilidad: y otras manipulaciones*. Trad.: Núria Petit Fontserè. Colección: Contextos. Barcelona: Ediciones Paidós, 2012, 124-130.
102. Cfr. Papa Francisco. *Carta del Santo Padre al pueblo de Dios que peregrina en Chile*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 31 de mayo de 2018. In https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2018/documents/papa-francesco_20180531_lettera-popolodidio-cile.html (consultado em 7 de janeiro de 2025); Ianire Angulo Ordorika, ESSE. “Bajo la punta del Iceberg: abusos de poder en la Iglesia”. In Enrique Gómez García - Enrique Somavilla Rodríguez (dir.). *La Iglesia Ante un Mundo en Cambio*. Madrid: Centro Teológico San Agustín, 2022, 198-199.
103. Cfr. Ianire Angulo. “La presencia innostrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021) 381-386
104. Cfr. Actos 432. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.

heróico qualquer expressão de desacordo ou de censura do sistema»¹⁰⁵.

Uma forma de manipular os textos evangélicos, como já referimos anteriormente, é fazer passar qualquer dissensão como sinal de individualismo, subjetivismo, orgulho, vontade de divisão¹⁰⁶.

Durante muito tempo foi possível ocultar os factos, criar uma narrativa de descredibilização das vítimas, tentando levá-las ao silêncio por coação moral. Todavia, porque a justiça está entranhada em cada ser humano como um dom de Deus, isto só conduziu a mais sofrimento¹⁰⁷.

Conclusão

Conhecer os limites da autoridade é indispensável a quem realiza um serviço de autoridade, e não deveria ser uma novidade também dentro da Igreja. O princípio da Encarnação implica partilhar com outros uma responsabilidade balizada no tempo. Isto é, a autoridade na Igreja deve ser para a sociedade um testemunho eloquente, transparente, exemplar de uma maneira alternativa de exercício do poder¹⁰⁸.

105. Ianire Angulo. “La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada”. *Teología y Vida* 62/3 (2021) 386.

106. Cfr. Samuel Fernández. “Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 59.

107. Recordemos aqui um artigo da *Vida Nueva* onde as vítimas denunciam «a grande resistência [de uma Ordem Religiosa a que pertencia o abusador] durante toda esta encruzilhada que fez dos superiores cúmplices, o que aumentou a nossa dor [não se sentindo, as vítimas] apoiadas em nenhum momento pela Ordem, que não tomou conta da situação, refugiando-se no facto de estarmos perante relações adultas». Por isso diz o Provincial desta Ordem Religiosa: «Não soubemos escutar a dor das vítimas. Não soubemos estar próximos e reagir. Não atuámos com os mecanismos adequados para que estas situações não se produzissem [...] Não fomos casa de acolhimento mas muro de resistência para quem quis dar um passo em frente para denunciar o calvário sofrido [...]. Aprendi que nada se ganha em ocultar e tapar, mas que se deve abordar imediatamente o caso, e depois de se verificar e objetivar os factos, levar o caso onde se inicie um processo de justiça restaurativa». Em sofrimento, diz uma das vítimas: «Oxalá haja proteção para que se possa denunciar sem tantos obstáculos. Tudo isto levo-o no coração; coração tão ferido que espero que a justiça que agora se cumpre tenha o fruto da paz e, espero, o perdão». Cfr. José Beltrán. “El falso Misticismo – nuevo pilar para condenar los abusos a adultos. *Vida Nueva* 25/11-1/12/2023, N.º 3 342, 10-13; Cfr. Cfr. Ianire Angulo Ordorika, ESSE. “Bajo la punta del Iceberg: abusos de poder en la Iglesia”. In Enrique Gómez García - Enrique Somavilla Rodríguez (dir.). *La Iglesia Ante un Mundo en Cambio*. Madrid: Centro Teológico San Agustín, 2022, 197-198.

108. Cfr. *Ibid.*, 208-212.

É necessária vigilância e prevenir a arbitrariedade, essa tentação sempre presente em cada ser humano. Para isso é preciso criar sistemas independentes de controlo de quem exerce o poder, o que implica a existência de protocolos práticos e eficazes que permitam a denúncia da falta de critério no exercício do poder e a transparência nas decisões. Fundamental é que se elimine a sensação de que certos comportamentos abusivos não têm consequências e que estão impregnados de impunidade¹⁰⁹. O abuso de poder deixa um “rasto”, uma “pegada de pecado”, que arruína e acaba por destruir muitas vidas inocentes.

Por outro lado, para haver um certo “desapego” do poder e se criarem condições do exercício do mesmo em fraternidade, é necessário estar-se atento à rotatividade e não acumulação de cargos dentro da Igreja¹¹⁰. O Código de Direito Canónico dispõe que o direito próprio deve prover, mediante normas adequadas, a que os superiores não desempenhem cargos de governo durante muito tempo e sem interrupção¹¹¹. A tendência a manter as pessoas durante longos anos em cargos de exercício de autoridade traz riscos não só para quem a exerce, já que a tendência é esta pessoa identificar-se com o papel e confundir o próprio querer com a vontade de Deus, e até em impô-lo de maneira rígida aos outros, mas também para quem obedece, porque se arrisca a confundir a procura da vontade de Deus com o bem-estar da autoridade. Deste modo se marginaliza, quando não se elimina, em nome da “unidade”, qualquer pensamento que não reverbere a voz de quem governa¹¹². Trata-se daquilo que o Papa Francisco chama de

109. Cfr. Myriam Wijlens. “Rompiendo la oscuridad: consideraciones de Derecho Canónico sobre el abuso espiritual para los líderes de la Iglesia”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 67-92. Cfr., também, Ianire Angulo Ordorika. “¿Abusos Legisladados en la Vida Consagrada?”. In Daniel Portillo (Coord.). *Prevenir Y Acompañar Los Abusos en la Vida Religiosa*. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora, SA, 2022, 139-158.

110. Cfr. a este propósito, por exemplo, o *Decreto del Dicasterio para los Laicos, la Familia y la Vida “Las Asociaciones de Fieles” que disciplina el ejercicio del gobierno en las asociaciones internacionales de fieles, privadas y públicas, y en otros entes con personalidad jurídica sujetos a la supervisión directa del mismo Dicasterio, 11.06.2021*. In <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2021/06/11/decre.html#> (consultado em 30 de fevereiro de 2023).

111. Cfr. *Código de Direito Canónico*. 4ª edição revista. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, c. 624 § 1 e 2.

112. Cfr. Giovanni Cucci, sj. “Introduzione”. In Salvatore Cernuzio. *Il Velo del Silenzio. Abusi, violenze, frustrazioni, nella vita femminile*. Milano: San Paolo, 2021, 15-16 e 25-26.

pensamento rígido: identificar a pessoa com a sua função e confundir unidade com uniformidade¹¹³.

Na Igreja não existe a separação de poderes que se revela tão útil na sociedade civil. Ninguém pode ser juiz e parte na mesma situação.

Reconquistar a liberdade corajosa de negar as propostas que não se consideram dignas ou convenientes face ao Evangelho marca a grande diferença entre o serviço e o servilismo¹¹⁴. Do abuso episódico a uma *cultura do abuso* vai um pequeno passo. A conversão e a reforma pessoal e institucional¹¹⁵ são o caminho necessário para se combater esta tendência que por vezes se normaliza e até se “normatiza” de uma forma muito sub-reptícia. Passar da *cultura do abuso* a uma *cultura do cuidado pelo próximo* exige o reconhecimento daquela igualdade filial que nos é conferida pelo Batismo, independentemente da vocação específica ou do serviço que cada um realize na comunidade. Requer não somente sistemas de participação onde a voz de cada um se faça sentir e escutar, ainda que díspar ou desalinhada de uma narrativa que o poder constrói e quer ver corroborada e apoiada, mas também o reconhecimento e aproveitamento do carisma pessoal de cada batizado destinado às instituições eclesiais que o acolhe no seu seio.

Quando o exercício do poder não é evangélico, deve reconhecer-se que aquilo que verdadeiramente está por detrás de um abuso, ou da colaboração no mesmo por ação ou omissão, é um défice de espiritualidade¹¹⁶ e o excesso daquilo que há de mais problemático na relação humana: a vontade de dominar e de se impor ao outro. Ora,

113. Diz o Papa Francisco: «onde o Espírito está presente, há sempre um movimento para a unidade, mas nunca para a uniformidade. O Espírito preserva sempre a legítima pluralidade dos diversos grupos e pontos de vista, reconciliando-os na sua diversidade. Portanto, se um grupo ou uma pessoa insistissem no facto de que o seu modo é único de “ler” um sinal, isso seria um indício negativo». Papa Francesco. *Ritorniamo a Sognare. La strada verso uno futuro migliore*. Milano: Piemme, 2020, 75.

114. Cfr. Papa Francisco. *Discurso del Santo Padre Francisco a las participantes en la Asamblea Plenaria de la Unión Internacional de las Superiores Generales (UISG)*. Aula Pablo VI, Jueves, 5 de mayo de 2022. In <https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2022/may/documents/20220505-plenaria-uisg.html> (consultado em 28 de fevereiro de 2025).

115. Cfr. *Constituição Dogmática sobre a Igreja (Lumen et Gentium)*. In *Concílio Ecuménico Vaticano II – Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020-12, nº 8.

116. Cfr. María Inés Franck. “Intentando reflexionar sobre la raíz espiritual del abuso de poder”. In Daniel Portillo Trevizo (coord.). *Abusos y Reparación – Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 121-130.

quem outorga o poder é Deus, e Ele ensinou-nos que o poder é serviço de Deus (*liturgia*) e do próximo (*caritas*). O poder, se vem de Deus, conduz à liberdade e à plenitude de cada criatura; se não criar empatia, ternura, respeito, bem para os outros, e se oprimir, violentar, dividir e criar sofrimento, não é fruto do bom espírito¹¹⁷. A este propósito, urge que nas Ordens Religiosas¹¹⁸, por uma questão de justiça e transparência, se indague a relação entre os abusos de autoridade, de poder, de consciência e sexual¹¹⁹ e os casos de abandono e de suicídio nas Ordens Religiosas.

Será árduo o trabalho de erradicar da Igreja santa os abusos de poder (*ad intra* e *ad extra*). Só uma atitude de *fidelidade criativa*¹²⁰ permitirá reformar costumes atentatórios de direitos fundamentais, dons de Deus, daqueles que querem viver com responsabilidade a própria vocação¹²¹. Nessa linha, seria também de repensar a teologia do voto de obediência e das suas práticas¹²².

-
117. Cfr. Jo. 420-21. In *Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.
118. Cfr. Decreto *A Conveniente Renovação da Vida Religiosa – Perfectae Caritatis*. In *Concílio Ecuménico Vaticano II – Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, n.º 15.
119. Cfr. Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada Y Las Sociedades de Vida Apostólica. Instrucción *El Servicio de la Autoridad Y La Obediencia. Faciem tuam, Domine, requirám*. Roma, 11 de mayo de 2008, 3. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado em 7 de abril de 2025). Escreve o Papa Francisco «Pensemos en el daño que causan al pueblo de Dios los hombres y las mujeres de Iglesia con afán de hacer carrera, trepadores, que «usan» al pueblo, a la Iglesia, a los hermanos y hermanas —aquellos a quienes deberían servir—, como trampolín para los propios intereses y ambiciones personales. Éstos hacen un daño grande a la Iglesia» Papa Francisco. *Discurso del Santo Padre Francisco A Las Religiosas Participantes en la Asamblea Plenaria de la Unión Internacional de Superiores Generales*. Aula Pablo VI, Miércoles 8 de mayo de 2013. In https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130508_uisg.html (consultado em 6 de março de 2025).
120. Cfr. João Paulo II. *Vita Consecrata*, 37. Roma: Dicastero per la Comunicazione – Libreria Editrice Vaticana, 25 de março de 1996. In https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.pdf (consultado em 28 de fevereiro de 2025).
121. Cfr. Elías López Pérez, SJ. “Fidelidad sinodal. Liderazgo de discernimiento congregacional”. *CONFER* Vol. 59 n.º 228 Octubre–Noviembre–Diciembre (2020) 480-482.
122. Cfr. Nurya Martínez-Gayol Fernández, ACT. “Revisitando la Obediencia. Ante los abusos de poder en la vida consagrada”, *Estudios Escolásticos* Vol. 99 n.º 388 febrero (2024)

Quando, enquanto comunidade eclesial, ou como estrutura hierárquica, não conseguimos zelar e velar pela integridade de cada ser humano, reconhecendo a sagrada beleza da sua procura, dos seus mais íntimos desejos e necessidades, estamos a falhar no essencial como Igreja¹²³.

Referências

- A Liberdade Religiosa (Dignitatis Humane)*. In *Conclio Euménico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2012, ns. 2 e 3.
- A. M. Varaprasadam. “Promoción de la justicia: medio para integrar nuestras vidas”. In AA.vv. “Contemplativos en la acción – Respuestas a la carta del P. Arrupe”. *SUBSIDIA* 21 (s. a.) 79.
- Adela Cortina. *Justicia cordial*. Madrid: Editorial Trotta, SA, 2010.
- Álvaro Rodríguez-Carballeira et alii. “Abuso psicológico en grupos: Taxonomía y severidad de sus componentes”. *International Journal of Cultic Studies*, 7 (2016) 41-54.
- Álvaro Rodríguez-Carballeira et alii. “Un estudio comparativo de las estrategias de abuso psicológico: en pareja, en el lugar de trabajo y en grupos manipulativos”. *Anuario de Psicología* 36/3 (2005) 299-314.
- Anthony Figueiredo. *Blessed Carlo Acutis – 5 steps to being a saint*. London: CTS, 2021.
- Arnold Gehlen, *El Hombre. Su naturaleza y su lugar en el mundo*. Sígueme: Salamanca, 1980.
- Bíblia Sagrada Para o Terceiro Milénio da Encarnação*. Fátima: Difusora Bíblica, 2008.
- C. Schenckendantz. “Fracaso institucional de un modelo teológico-cultural de Iglesia. Factores sistémicos en la crisis de los abusos”. *Teología y Vida* 60/1 (2019) 9-40.
- Carolina Montero Orphanopoulos. “Vulnerabilidad Humana e Abusos No Sexuales en la Iglesia Católica”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 143-149 e 153.
- Carolina Montero. “Vulnerabilidad humana y el uso del término *adultos vulnerables* ante los abusos eclesiales a mayores de edad”. *Teología y Vida* 63 (2022), 345-366.
- Catecismo da Igreja Católica*. 2.ª edição. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2022.
- Clemente Romano. *Carta aos Coríntios*. Edição Bilingue. Philokalia – Coleção de textos Patrísticos dirigida por Isidro Pereira Lamelas, N.º 1. Versão do original do grego por M. Luís Marques. Lisboa: Livraria Alcala, Lda., XXXVII-XLIV.
- Código de Direito Canónico*. 4ª edição revista. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa / Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007.
- Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica Portuguesa – Apresentação da Equipa. In <https://agencia.ecclesia.pt/portal/comissao-independente-para-o-estudo-dos>

123-168; Cfr. Ianire Angulo Ordorika. “¿Abusos Legislatos en la Vida Consagrada?”. In Daniel Portillo (Coord.). *Prevenir Y Acompañar Los Abusos en la Vida Religiosa*. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora, SA, 2022, 156; Carlos Cabarrús escreve que a Igreja se apresenta como defensora de liberdades mas que «abandera una línea inquisitorial en sus mismas entrañas y con sus hijos “más fieles”». Carlos Cabarrús. “La obediencia como problema latinoamericano”. *Cuadernos de Espiritualidad* 52 (1990) 36; Cfr., também, San Ignacio de Loyola. Carta A los PP. Broet y Salmerón. In IDEM. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXXXII4, 678-679

123. Cfr. Carolina Montero Orphanopoulos. “Vulnerabilidad Humana e Abusos No Sexuales en la Iglesia Católica”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 153.

- abusos-sexuais-de-criancas-na-igreja-catolica-portuguesa-apresentacao-da-equipa/ (consultado em 10 de janeiro de 2025).
- Concílio Eumênico Vaticano II - Documentos Conciliares e Pontifícios. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020¹².
- Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada Y Las Sociedades de Vida Apostólica. Instrucción *El Servicio de la Autoridad Y La Obediencia. Faciem tuam, Domine, requirám*. Roma, 11 de mayo de 2008, 3, 12; 13, f; 14, b); 25. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado 7 de abril de 2025).
- Congregación Para Los Institutos de Vida Consagrada Y Las Sociedades de Vida Apostólica. *Para vino nuevo odres nuevos – La vida consagrada desde el Concilio Vaticano II: retos aún abiertos – Orientaciones*. Colección Documentos Vaticano. Città del Vaticano: Librería Editrice Vaticana, 2017, ns. 19, 20, 21, 24, 41–45 e 48.
- Congregación para los Institutos de Vida Consagrada y las Sociedades de Vida Apostólica (CIVCSVA). *El servicio de la autoridad y la obediencia*. Roma, 11 mayo 2008, ns. 9, 11, 12, 14, 26. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_20080511_autorita-obbedienza_sp.html (consultado 15 de maio de 2025).
- Congregazione per il Clero. *Direttorio per il ministero e la vita dei presbiteri*. Roma 11 febbraio 2013.
- Constituição Dogmática sobre a Igreja (*Lumen et Gentium*). In *Concílio Eumênico Vaticano II – Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020¹², n.º 8.
- Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*). In *Concílio Eumênico Vaticano II – Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020¹², ns. 16 e 17.
- Constituições da Companhia de Jesus anotadas pela Congregação Geral 34 e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação. Braga: Ed. Cúria Provincial da Companhia de Jesus. Livraria A.I., 1997.
- Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021.
- Daniel Portillo Treviso. “Los Abusos no sexuales: sobre las zonas grises”. In Daniel Portillo Treviso (coord.). *Abusos y Reparación – Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 13, 17–19, 124–125 e 129.
- Decreto A Conveniente Renovação da Vida Religiosa – *Perfectae Caritatis*. In *Concílio Eumênico Vaticano II – Documentos Conciliares e Pontifícios*. Tradução José Barbosa Pinto, sj. Org. Elias Couto e Rui Pedro Vasconcelos. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2020¹², ns 13 e 15.
- Decreto del Dicasterio para los Laicos, la Familia y la Vida “Las Asociaciones de Fieles” que disciplina el ejercicio del gobierno en las asociaciones internacionales de fieles, privadas y públicas, y en otros entes con personalidad jurídica sujetos a la supervisión directa del mismo Dicasterio, 11.06.2021. In <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2021/06/11/decre.html#> (consultado em 27 de fevereiro de 2025).
- Dicastério Para a Doutrina da Fé. *Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana*. Roma, 02 de abril de 2024. In https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html (consultado em 11 de abril de 2025).
- Dom Dymnas de Lassus. *Risques et dérives de la vie religieuse*. Paris: CERF, 2020.
- Eamonn Conway. “Clericalismo y violencia sexual. Explorando las implicaciones para la formación sacerdotal”. In D. Portillo (ed.). *Teología y prevención. Estudio sobre los abusos sexuales en la Iglesia*. Prólogo del Papa Francisco. Santander: Sal Terrae, 2020, 147.
- Eliás López Pérez, SJ. “Fidelidad sinodal. Liderazgo de discernimiento congregacional”. *CONFER* Vol. 59 n.º 228 Octubre–Noviembre–Diciembre (2020) 480–482, 484–491.
- Emanuel Lévinas. *Humanismo del otro hombre*. México: Siglo XXI, 2006.
- Emmanuel Kant. *Filosofia de la Historia*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- Exortacao Apostolica Pos-Sinodal *Christus Vivit*, 25 de marco de 2019, n.o 98. In https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html (consultado em 07 de marco de 2025).
- Francesc Torralba. *Ética del cuidar. Fundamentos, contextos y problemas*. Madrid: Institut Borja de Bioética-Fundación Mapfre Medicina, 2002.
- Francisco Javier de la Torre Díaz. “Abusos de poder «en» las organizaciones y «de» las organizaciones. Ética de las dinámicas de poder”. In Rufino Meana Péon – Clara Martínez García (dir.). *Abuso y sociedad contemporánea. Reflexiones multidisciplinares*. Aranzadi Thomson Reuters: Cizur Menor, 2020, 105.

- François D'Assise. *Écrits. Admonitions*. Sources Chrétiennes, n. 285. Paris: Les Éditions du Cerf, 2003.
- Gabriel Roblero Cum. "Ejercicios Espirituales y abuso de conciencia: Un proceso de liberación del sometimiento y de la manipulación afectiva". *Manresa* 92/2 (2020) 153 e 157.
- Giorgio Giovannelli. "L'obbedienza: aspetti teologici e giuridici". In Salvatore Cernuzio. *Il Vélo del Silenzio. Abusi, violenze, frustrazioni, nella vita femminile*. Milano: San Paolo, 2021, 180, 190 e 195.
- Giovanni Cucci e Hans Zollner. *Iglesia y pedofilia: una herida abierta. Una aproximación psicológico-pastoral*. Santander: Sal Terrae, 2011.
- Giovanni Cucci, sj. "Introduzione". In Salvatore Cernuzio. *Il Vélo del Silenzio. Abusi, violenze, frustrazioni, nella vita femminile*. Milano: San Paolo, 2021, 15-16, 25-26 e 34.
- Gonzalo Aza Blanc. "El sujeto resistente frente a los abusos: vivencia de dignidad y coraje de ser". In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 248.
- Gonzalo Aza Blanc. "Escenarios de abuso en la cultura contemporánea. Más allá de la preocupación por lo particular". In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 51.
- Hans Urs von Balthasar. *Quién es cristiano*. Salamanca: Sígueme, 2000.
- Hans Zollner, SJ. "La responsabilidad de la Iglesia católica en la creación de una cultura de salvaguardia". In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 307-324.
- Hans Zollner. "Las heridas espirituales causadas por los abusos sexuales". *La Civiltà Cattolica*. In <https://www.laciviltacattolica.es/2022/01/28/las-heridas-espirituales-causadas-por-los-abusos-sexuales/>, enero 28, 2022 (consultado em 27 de novembro de 2025).
- Hortensia López Almán. *Cuidemos de la Vida Consagrada*. Colección Ensayos Literarios. Editorial Círculo Rojo, 2020.
- Hugo Franco. *Igreja pune padre que denunciou abusos sexuais*. *Jornal Expresso*, 3 de novembro, 2023, N.º 2662. In <https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2662/html/primeiro-caderno/capa/igreja-pune-padre-que-denunciou-abusos-sexuais> (consultado em 3 de janeiro de 2025).
- Iniñe Angulo Ordorika, ESSE. "Bajo la punta del Iceberg: abusos de poder en la Iglesia". In Enrique Gómez García – Enrique Somavilla Rodríguez (dir.). *La Iglesia Ante un Mundo en Cambio*. Madrid: Centro Teológico San Agustín, 2022, 197-199, 200 e 208-213.
- Iniñe Angulo Ordorika. "¿Abusos Legislativos en la Vida Consagrada?". In Daniel Portillo (Coord.). *Prevenir Y Acompañar Los Abusos en la Vida Religiosa*. Madrid: PPC, Editorial y Distribuidora, SA, 2022, 139-158, 148.
- Iniñe Angulo. "Abrir la Caja de Pandora. Abusos en la Vida Consagrada femenina". *Claretianum* ITVC 14, t. 63 (2023) 183-204.
- Iniñe Angulo. "La presencia innombrada – Abuso de poder en la Vida Consagrada". *Teología y Vida* 62/3 (2021) 371-204.
- Iniñe Angulo. "Palabras y silencios. El papel de la narrativa en dinámicas abusivas". *Estudios Eclesiásticos* vol. 99, núm. 388 (2024) 45 e 48; 56-57; 59-70.
- Iulius Victor. *Ars rhetorica. De Inventione*. Biblioteca digitale di testi latini tardoantichi. Progetto diretto da Raffaella Tabacco (responsabile della ricerca) e Maurizio Lana. Correzione linguistica: Corinna Senore. Codifica XML: Nadia Rosso. 2015 digilibLT, Vercelli. (Fonte: C. Iulii Victoris. *Ars rethorica*. Ediderunt R. Giomini et M.S. Celentano. Leipzig: Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, 1980), 374. In <https://digiliblt.uniupo.it/xtf/view?query=rem+tene+verba+sequentur&docId=dlt000320/dlt000320.xml&chunk.id=0> (consultado em 24 de abril de 2025).
- J. A. Murillo. "Abuso sexual, de conciencia y de poder: una nueva definición". *Estudios Eclesiásticos* 373/2 (2020) 424-25.
- Joan-Carles Mèlich. *Filosofia de la finitud*. Barcelona: Herder, 2012.
- João Paulo II. *Veritatis Splendor*, n.º 59. In https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.html (consultado em 27 de julho de 2023).
- João Paulo II. *Vita Consecrata*, 37. Roma: Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana, 25 de março de 1996. In https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.pdf (consultado em 28 de fevereiro de 2025).
- José Beltrán. "El abuso de poder y conciencia entre religiosas ya no es tabú". *Vida Nueva* 4-10/12/2021, N.º 3 3.249/ 4 35 C, 16-17.
- José Beltrán. "El falso Misticismo – nuevo pilar para condenar los abusos a adultos". *Vida Nueva* 25/11-

- 1/12/2023, N.º 3 342, 10-13.
- José Laguna. “Vulnerables. El cuidado como horizonte político”. *Cuadernos CJ* n. 219 de CJ 239 (2020) 5-7, 20-28.
- José Luis Rey Pérez. “Una reflexión sobre los abusos desde el derecho y lo institucional. La respuesta de los derechos humanos”. In Rufino J. Meana Peón – Clara Martínez García (Directores). *Abuso y Sociedad contemporánea. Reflexiones Multidisciplinares*. Pamplona: Thomas Reuters Aranzadi, 2020, 377-378.
- José Manuel Martins Lopes S.I. “Abusi in Nome di Dio?”. *La Civiltà Cattolica* IV/4164 (16 dic 2023/6 gen 2024) 587-599.
- José Manuel Martins Lopes. “Autoridade >> Autoritarismo e Pedagogia da Companhia de Jesus”. *Revista Portuguesa de Humanidade - Estudos Literários* 13-2 (2009), 123-124.
- Joseph Ratzinger – Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. A Esfera dos Livros: 2007².
- Judith Butler. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.
- Khaled Hosseini. *Mil Sóis Resplandecentes*. Lisboa: Editorial Presença, 2021⁸ (Reimpressão).
- Lydia Ferro. “Construyendo la compasión”. In Diego Gracia (coord.). *Ética y ciudadanía. II. Deliberando sobre valores*. Madrid: Fundación Xavier Zubiri, PPC, Fundación SM, 2017, 71.
- M. F. Hirigoyen. *El abuso de la debilidad y otras manipulaciones*. Barcelona: Paidós 2012.
- María Inés Franck. “Intentando reflexionar sobre la raíz espiritual del abuso de poder”. In Daniel Portillo Trevizo (coord.). *Abusos y Reparación – Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 121-130.
- Maria João Avillez. Entrevista ao Papa Francisco, em exclusivo para a TVI e a CNN Portugal, em 04 de setembro de 2022. In https://fb.watch/_f_NFXyD2Tk/ (consultado em 12 de setembro de 2025).
- Marie-France Hirigoyen. *El abuso de debilidad: y otras manipulaciones*. Trad. Núria Petit Fontserè. Colección: Contextos. Barcelona: Ediciones Paidós, 2012.
- Martha Albertson Fineman. “The vulnerable subject and the responsive state”. *Emory Law Journal* 60 (2010) 31.
- Martin Luther King. *Stride toward Freedom. The Montgomery Story*. New York: Harper & Row, 1958, 202.
- Max Weber. *Economía y Sociedad – Esbozo de sociología comprensiva*. Traducción de José Medina Echavarría et alii. Madrid: Fondo de Cultura Económica Segunda reimpressão 2002.
- Monsenhor Libanori. *La lettera di Libanori: “la fede dei piccoli scossa dallo scandalo dei fatti attribuiti a P. Marko Rupnik*. In La lettera di Libanori: “la fede dei piccoli scossa dallo scandalo dei fatti attribuiti a P. Marko Rupnik” – FarodiRoma (consultado em 20 de dezembro de 2022).
- Myriam Wijlens. “Rompiendo la oscuridad: consideraciones de Derecho Canónico sobre el abuso espiritual para los líderes de la Iglesia”. In Daniel Portillo Trevizo (coord.). *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 67-92.
- Nurya Martínez-Gayol Fernández, ACT. “Revisitando la Obediencia. Ante los abusos de poder en la vida consagrada”, *Estudios Escolásticos* Vol. 99 n.º 388 febrero (2024) 123, 125-126, 128, 136, 145-149, 155-164.
- Papa Francisco. *Ritorniamo a Sognare. La strada verso uno futuro migliore*. Milano: Piemme, 2020.
- Papa Francisco. “Francisco ensaia a revolução final”. *Jornal Expresso*, Primeiro Caderno, 29 de Setembro de 2023, 24.
- Papa Francisco. *Carta del Santo Padre al pueblo de Dios que peregrina en Chile*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 31 de mayo de 2018. In https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2018/documents/papa-francesco_20180531_lettera-popolodidio-cile.html (consultado em 27 de março de 2025).
- Papa Francisco. *Carta do Papa Francisco ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 19 de março de 2016. In https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.pdf (consultado em 12 de março de 2025).
- Papa Francisco. *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 20 de agosto de 2018. In https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2018/documents/papa-francesco_20180820_lettera-popolo-didio.pdf (consultado em 06 de agosto de 2022).
- Papa Francisco. *Discurso del Santo Padre Francisco a las participantes en la Asamblea Plenaria de la Unión Internacional de las Superiores Generales (UISG)*. Aula Pablo VI, Jueves, 5 de mayo de 2022. In <https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2022/may/documents/20220505-plenaria-uisg.html> (consultado em 28 de fevereiro de 2025).
- Papa Francisco. *Discurso del Santo Padre Francisco A Las Religiosas Participantes en la Asamblea Plenaria de la Unión Internacional de Superiores Generales*. Aula Pablo VI, Miércoles 8 de mayo de 2013. In https://www.vatican.va/content/francesco/es/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130508_uisg.html (Consultado em 6 de março de 2025).

- Papa Francisco. *Vigilantes contra la mundanidad*. Dicasterio per la Comunicazione. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 13 de octubre de 2017 (Fuente: L'Osservatore Romano, ed. sem. en lengua española, n. 42, viernes 20 de octubre de 2017). In https://www.vatican.va/content/francesco/es/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171013_vigilantes-mundanidad.html (consultado em 28 de dezembro de 2024).
- Paul Ricoeur. *La memoria, la historia, el olvido*. Madrid: Editorial Trotta, 2010.
- Paul Ricoeur. *Le juste*, 2. Paris: Esprit, 2001.
- Paulina Guzik. *Abuse expert Father Hans Zollner looks at the state of the crisis in the Church today*. In <https://www.oursundayvisitor.com/abuse-expert-father-hans-zollner-looks-at-the-state-of-the-crisis-in-the-church-today/> (consultado em 10 de março de 2025).
- R. Aldana. "Nota sobre conciencia y autoridad". *Estudios Eclesiásticos* 373/2 (2020) 396-397.
- R. Luciani. "La renovación en la jerarquía eclesial por sí misma no genera la transformación. Situar la colegialidad al interno de la sinodalidad". In D. Portillo Trevizo (ed.), *Teología y prevención. Estudio sobre los abusos sexuales en la Iglesia*. Prólogo del Papa Francisco. Sal Terrae: Santander, 2020, 37-45.
- Rafael Aguirre. "La mirada de Jesús sobre el poder". *Teología y Vida* 55/1 (2014) 88 e 92-104.
- Regna do glorioso Patriarca S. Bento*. Trad. e anotada por Monges de Singeverga. Mosteiro de Singeverga. Roriz: Ora & Labora, 1951.
- Romano Guardini. *El Poder. Un intento de Orientación*. Cristianismo y Hombre Actual, 49. Madrid: Ediciones Guadarrama, S. L., 1963.
- Samuel Fernández, "Reconocer las Señales de Alarma del Abuso de Conciencia". In Daniel Portillo Trevizo (coord.), *Abusos y reparación. Sobre los comportamientos no sexuales en la Iglesia*. Madrid: PPC, 2021, 47-65; 59-62.
- San Ignacio de Loyola. Carta "A los PP. Broet y Salmerón". In IDEM. *Obras Completas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMLXXXII4, 678-679.
- Santo Inácio de Loiola. *Exercícios Espirituais*. Trad. Mário Garcia SJ. Braga: SNAO, 2016.
- Sergio Bastianel (a cura di). *Strutture di Peccato – Una Sfida Teologica e Pastorale*. Moralia Christiana 3. CasaleMonferrato: Piemme, 1989.
- Susana de Sousa Vilas Boas. *Le pardon entre mémoire et espérance. Pour une lecture théologique de Paul Ricoeur*. Braga: Axioma – Publicações da Faculdade de Filosofia, 2022.
- Tomás de Aquino. *Suma Contra os Gentios*. Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- Zygmunt Bauman e Rein Raud. *A Individualidade numa Época de Incertezas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- Zygmunt Bauman. *Comunidade: A Busca por Segurança no Mundo Atual*. 2.ª Edição. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- Zygmunt Bauman. *Identidade*. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Zygmunt Bauman. *Vida Líquida*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.